

SHERRILYN
KENYON
Só em Sonhos

Tradução de Rita Guerra



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



Prólogo

O ÓDIO é uma emoção amarga, prejudicial. Serpenteia através do sangue, infectando o seu hospedeiro e impelindo-o a avançar, sem qualquer motivo. A sua visão torna-se cínica e distorce até os olhos mais límpidos.

O sacrifício é nobre e terno. É a ação de um hospedeiro que valoriza os outros mais do que a si mesmo. O sacrifício é comprado com amor e decência. É verdadeiramente heroico.

A vingança é um ato de violência. Permite aos que foram injustiçados recuperar parte do que perderam. Ao contrário do sacrifício, oferece algo a quem o pratica.

O amor é enganador e sublime. Na sua forma mais pura, traz ao de cima o melhor em todos os seres. No seu pior, é um utensílio usado para manipular e arruinar qualquer pessoa que se mostre suficientemente tola para se agarrar a ele.

Não sejas tolo.

O sacrifício é para os fracos. O ódio corrompe. O amor destrói. A vingança é o dom dos fortes.

Avança, não com ódio, não com amor.

Avança com determinação.

Recupera o que te foi roubado. Faz com que aqueles que riram da tua dor paguem. Não com ódio, mas de forma racional, calma e fria.

O ódio é o teu inimigo. A vingança é tua amiga. Mantém-na por perto e liberta-a.

Que os deuses tenham misericórdia daqueles que injustiçaram porque eu não terei misericórdia deles.

Xypher fez uma pausa enquanto lia as palavras que tinha escrito no chão da cela, com o seu próprio sangue, há tantos séculos. Baças e esbaltadas, eram uma recordação do que o tinha levado para aquele tempo e aquele espaço.

Eram uma jura sagrada, feita a si mesmo.

Fechando os olhos, abriu as mãos e as palavras dissolveram-se na névoa que se ergueu do chão, voltando a reunir-se ao longo do seu braço esquerdo. Símbolo por símbolo, palavra por palavra, os caracteres ainda ensanguentados cortaram-lhe a pele. Silvou perante o ardor deles a gravarem-se-lhe na carne. Essa dor aliviou-o. Fortaleceu-o.

Em breve ficaria livre durante um mês. Um mês para caçar e matar. Aquela por quem se tinha sacrificado ia pagar e se, ao fazê-lo, ganhasse a suspensão da sua pena... Ótimo.

Se não...

Bem, por vezes a vingança merecia um bom sacrifício. Pelo menos desta vez morreria sabendo que já ninguém se estava a rir dele.

Capítulo

UM

*Café Maspero
Nova Orleães
Fevereiro de 2008*

— **ALGUMA** vez te apeteceu meter a cabeça no liquidificador e carregar no botão?

Simone Dubois franziu o sobrolho, depois riu das palavras de Tate Bennett, chefe dos médicos-legistas da comarca de Nova Orleães, enquanto este se sentava do outro lado da mesa de madeira escura, à sua frente. Como sempre, Tate estava impecavelmente vestido com uma camisa branca e calças de fato pretas. A pele era escura e imaculada, uma dádiva da sua ascendência crioula e haitiana. De feições afiadas, cinzeladas, era muitíssimo belo e os seus olhos negros não deixavam escapar qualquer pormenor.

As suas roupas impecáveis contrastavam fortemente com as calças desbotadas e a camisola azul dela, bem como com o caótico ninho de caracóis castanhos-escuros que se recusavam a obedecer a qualquer penteado com que Simone os tentasse subjugar. A única coisa no seu próprio aspeto físico que Simone considerava remotamente interessante eram os olhos cor de avelã que ficavam dourados sempre que o Sol brilhava sobre eles.

Limpou a boca ao guardanapo.

— Sinceramente... não posso dizer que alguma vez me tenha apetecido. *Mas* já houve algumas cabeças às quais gostaria de ter feito isso. Porquê?

Tate pousou uma pasta à frente dela.

— Quantos assassinos em série pode ter uma cidade?

— Não me tenho mantido a par das estatísticas. Depende da cidade, suponho. Estás a dizer-me que temos outro por aqui?

Tate desenrolou os talheres e pousou o guardanapo no colo.

— Não sei. Passaram pelo meu escritório, nas duas últimas semanas, uns casos estranhos. Aparentemente não estavam relacionados.

Aquelas quatro palavras estavam carregadas de significado.

— Mas...

— Mas tenho um pressentimento em relação a isto e não é do tipo «oh, vejam como o mundo é belo e soalheiro».

Simone bebeu um gole do seu refrigerante antes de abrir o ficheiro e fazer uma careta perante as macabras fotografias da cena do crime. Como sempre, eram sangrentas e detalhadas.

— Adoro os presentes que me trazes à hora do almoço. Há raparigas que recebem diamantes. Eu? Recebo caos e sangue... e ainda nem é meio-dia. Obrigada, Tate.

Tate inclinou-se para a frente e roubou uma batata frita do prato dela.

— Não te preocupes, Bu, sou eu quem está a pagar. Além disso, és a única mulher com quem posso falar de negócios à hora de almoço. As outras ficam demasiado incomodadas.

Ela ergueu os olhos.

— Sabes, não tenho a certeza que isso seja lá grande cumprimento.

— Confia em mim, é. Se a LaShonda alguma vez ganhar juízo e me deixar, serás a próxima Sra. Tate.

— Uma vez mais, não é elogioso para nenhuma de nós. Deverei dizer à LaShonda o que o maridinho pensa dela? — disse Simone, brincando.

— Por favor, não. Ela pode envenenar-me o cuscuz... ou, pior, dar-me uma tarefa no cus-cus.

Simone voltou a rir.

— Não te preocupes, eu garantiria que ela era presente à justiça por isso.

— Tenho a certeza que sim. — Fez uma pausa para pedir uma sandes de camarão *po'boy* e batatas fritas à empregada.

Simone continuou a olhar para as fotografias, enquanto Tate falava com a jovem gótica que anotava o pedido.

Sim, aquelas fotografias eram bastante nojentas. No entanto, aquele tipo de fotografias era-o normalmente. Como odiava que o mundo estivesse repleto de seres capazes de fazer coisas tão horríveis uns aos outros. O que as pessoas eram capazes de fazer umas às outras já era mau o suficiente. O que os outros habitantes não humanos conseguiam fazer era um pesadelo bem diferente. Literalmente.

E ela conhecia bastante bem os dois mundos dos monstros.

A empregada regressou à cozinha.

Tate inclinou-se um pouco.

— Estás a sentir alguma vibração do outro lado?

Simone abanou a cabeça.

— Sabes que não funciona assim, T. Tenho de estar a tocar no corpo ou em algo que tenha pertencido à vítima. As fotografias não fazem mais do que cortar-me os dedos por causa do papel... e dar-me arrepios. — Es-

tremecendo de simpatia pela forma como a pobre mulher tinha morrido, fechou a pasta e voltou a deslizá-la na direção dele.

— Queres vir comigo à morgue, depois do almoço?

Simone arqueou uma sobrancelha perante tal oferta.

— Estremeço só de pensar na frase de engate que decerto usaste na noite em que conhecestes a LaShonda. Anda comigo, querida, e mostro-te a minha coleção de cadáveres.

Tate riu.

— Céus, adoro o teu sentido de humor.

Era pena que um homem casado fosse uma das pouquíssimas pessoas a perceber o seu peculiar sentido de humor. Para além de Tate, a única pessoa que o apreciava realmente era um fantasma adolescente que a assombrava desde os seus dez anos.

Jesse estava sentado à sua direita, mas apenas Simone o sabia. Mais ninguém o conseguia ver nem ouvir — oh, sorte a dela! Em especial tendo em conta que Jesse estava preso numa deformação temporal do final dos anos 80. Um bom exemplo: trazia vestido um blazer azul-claro que fazia pensar no Don Johnson dos tempos do *Miami Vice*, com uma popa preta, encaracolada, com os cumprimentos de Jon Cryer do filme *A Garota do Vestido Cor-de-rosa*. Jesse era um enorme fã de John Hughes, que a obrigara a assistir a demasiadas reposições. Para concluir a vestimenta extravagante, usava uma fina gravata de cetim branca com o desenho de um teclado e uns *Vans* de xadrez branco a condizer.

— Não quero ir à morgue, Simone — disse Jesse com os dentes cerrados. — Não gosto de lá ir.

Simone conseguia compreendê-lo. Era o seu local preferido, logo a seguir ao gabinete do proctologista.

Dirigiu a Jesse um olhar compreensivo, mas ambos sabiam que ela não tinha outra escolha senão ir. Não havia nada que Simone não fizesse para levar um assassino à presença da justiça e isso incluía visitar a arrepiante morgue da cidade em vez de ir para o seu laboratório em Tulane.

— Então qual é a parte estranha em relação a estes assassinatos? — perguntou, tentando impedir que Jesse repetisse um monólogo com o qual ela já estava bem familiarizada. Além disso, ele podia ir para casa sem ela; simplesmente, não gostava de estar em casa quando Simone não estava lá.

Por vezes Jesse conseguia ser um fantasma muito carente.

Tate roubou mais uma batata frita antes de responder.

— O facto de aqui a menina Gloria ter acordado e se ter levantado da mesa de exames.

Simone engasgou-se com a Cola que estava a beber.

— Desculpa?

— Ouviste-me bem. O Nialls está num colete de forças por causa disso. Passou-se de tal maneira que tivemos de ligar para a ala psiquiátrica para o irem buscar.

Simone tossiu duas vezes para limpar a garganta antes de voltar a falar.

— A vítima estava em coma?

— A vítima estava mortinha da silva. Como pudeste constatar pelas fotografias, tinham-lhe rasgado a garganta e o Nialls acabara de lhe abrir a caixa torácica para a autópsia. O coração dela estava nas mãos dele quando ela começou a respirar.

— Hum, hum... — Foi a única resposta que consegui articular durante um longo momento. — E ela levantou-se e foi-se embora...

Tate acenou, carrancudo.

— Bem-vinda ao meu mundo. Oh, espera, bem-vinda ao *teu* mundo. O teu é ainda mais bizarro do que o meu. Pelo menos, eu não vivo com um fantasma que tem o seu próprio quarto em minha casa. — Ele olhou de relance em redor da mesa, depois baixou a voz. — O Jesse está aqui?

Simone inclinou a cabeça na direção da cadeira onde o seu amigo estava sentado fitando-os de sobrolho franzido.

— Por favor, explica-me como é que a rapariga se levantou enquanto ele tinha o coração dela nas mãos — disse ela lentamente.

— Isso é que eu gostava que *tu* me disseses. Sabes, eu lido com... bem, na maior parte dos dias, bizarras cenas paranormais. Tu és a Rainha do Bizarro. Preciso da ajuda da rainha antes que tenha de começar a contratar uma equipa nova de médicos-legistas que não se passem quando os mortos se levantam das suas mesas. Sabes onde posso encontrar algumas destas pessoas incomuns? Sei que convives com elas.

— Obrigada, Tate. Estou sempre ansiosa por estas tuas tiradas de incentivo capazes de me fazer crescer o ego.

— Sim, mas pelo menos sabes que te adoro.

— Como um buraco num sapato.

Tate riu.

— Isso não é verdade. És a melhor médica-legista que alguma vez vi e sabes disso. Se te pudesse tirar de Tulane e contratar os teus serviços para a cidade, fá-lo-ia num abrir e fechar de olhos. O facto de seres a única pessoa com quem posso falar sobre mortes paranormais é um grande bónus. Qualquer outra pessoa mandar-me-ia fechar num quarto ao lado do do Nialls.

Simone deitou a mão ao pickle.

— É verdade. Já me disseram que têm lá drogas incríveis que ajudam a diminuir essas alucinações.

— Então contem comigo. Faziam-me jeito, sem dúvida.

A ela também, mas isso era outra história. Por outro lado, toda a sua vida era suficientemente bizarra para ser considerada uma alucinação gigantesca.

Se ao menos o fosse...

Simone fez uma pausa, ao voltar a ter aquela estranha sensação no estômago. Olhou de relance para o restaurante escuro, depois através da janela à sua esquerda, que revelava o trânsito lento de Decatur Street. Nada parecia fora do comum, mas a sensação persistia.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Jesse.

— Tenho aquele pressentimento, outra vez.

Tate franziu o sobrolho.

— Que pressentimento?

O rosto de Simone corou perante a pergunta de Tate.

— Na verdade, estava a falar com o Jesse. Mas nas últimas duas semanas tenho tido a bizarra sensação de que alguma coisa me está a observar.

— Queres dizer *alguém*, certo?

Simone abanou a cabeça.

— Sei que parece loucura...

— Um corpo acabou de se levantar da mesa de exames a meio da autópsia e achas que a *tua* história é doida? Sim, Bu...

Aquilo era o que mais gostava em Tate. Ele fazia com que ela se sentisse quase normal. Já para não dizer que era a única pessoa, para além dela, que sabia da existência de Jesse. Claro que ela também era a única pessoa, para além de uma pequena mão-cheia, que sabia que Tate era um Escudeiro dos Predadores da Noite — um grupo de guerreiros imortais que caçavam e executavam os *daemones* vampíricos que caçavam almas humanas.

Sim, a vida dela era tudo menos normal.

Então porque se havia de preocupar com o facto de se sentir como se algo maléfico a estivesse a observar? Provavelmente estava. E, infelizmente, não seria a primeira vez. Tudo o que queria era ter a certeza que não seria a última.

— Sabes de onde vem? — perguntou Jesse.

— Não. Não consigo localizá-lo. Tudo o que sei é que me está a deixar com pele de galinha.

Tate recostou-se na cadeira para olhar fixamente para ela.

— Gostava mesmo de conseguir ouvir o Jesse. É tão desconcertante quando vocês falam os dois. Faz com que me pergunte se ele não está aí sentado a fazer pouco de mim.

Simone sorriu.

— O Jesse só faz pouco de mim.

— Isso não é verdade.

Ela olhou para Jesse.

— É, sim.

— Não, não é — interveio Tate.

Simone franziu-lhe o sobrolho.

— Sabes ao menos sobre o que é que estás a discutir?

— Na verdade, não. Mas parecia natural acrescentar isto.

Ela riu.

— Como é que eu me fui *meter* com vocês os dois, jamais saberei. — Contudo, isso não era verdade. Jesse tinha ido ter com ela na hora mais negra da sua vida e mantivera-se com ela desde então.

Tate... estava lá quando ela chegara o mais perto que alguma vez chegaria de apanhar o assassino da mãe e do irmão. Infelizmente, o seu palpite não tinha dado bons resultados e a prova que ela achava que lhe daria uma pista que permitiria identificar o assassino da mãe estava demasiado contaminada para ser usada. Ainda assim, Tate tinha lutado por ela com unhas e dentes embora, na altura, não a conhecesse. Isso significava mais para ela do que qualquer outra coisa, e desde então tinham-se tornado amigos.

Não havia nada que ela não fizesse por ele e Tate sabia-o.

Tate, LaShonda e Jesse eram a única família que ela tinha.

Ele recostou-se e esperou que a empregada pousasse o seu prato na mesa e se afastasse antes de voltar a falar.

— Tens a certeza que não é um dos fantasmas que costumas ver a olhar fixamente para ti?

Simone abanou a cabeça.

— Não. Eles nunca são assim tão subtis. Normalmente aparecem e dizem algo do género «Ó cabra, faz o que eu te mando». Isto... isto é algo diferente.

— O mal vem atrás de ti — disse Jesse com uma voz soturna, ecoante.

Simone semicerrou os olhos e fitou-o.

— Odeio quando fazes isso.

Tate afastou-se como se o tivessem ofendido.

— O que é que eu fiz?

Ela vultou a sorrir-lhe.

— Não és tu. É o Jesse. Está a usar a sua voz de fantasma. É muitíssimo irritante.

— Sim, mas ainda assim adoras-me. — Jesse piscou-lhe o olho.

— Claro que adoro. Mas poupa a voz para uma aparição.

— Pouparia se mais alguém me conseguisse ouvir. Fazes ideia de como isso é irritante? Não, porque toda a gente te ouve quando falas. — Jesse levantou-se e dançou a um canto. — Olá, malta! — gritou. — Vejam a bizarra dança do fantasma. — Agitou os braços e abanou o traseiro. — Sou

mau, sou mau, sou mau. — Parou e olhou à sua volta, para as pessoas que continuavam com os seus afazeres, ignorando as suas estranhas palhaçadas. — Vês. É uma treta.

Simone dirigiu um olhar sério a Jesse, que ergueu as mãos em sinal de rendição. Havia alturas em que ele parecia uma estranha combinação de mãe chata e esposa com um toque de irmão lunático.

Concentrou a sua atenção em Tate.

— Bem, voltemos à falecida... a polícia tem alguma pista?

Tate abanou a cabeça.

— Ela foi encontrada num beco no Warehouse District. Tinha a garganta rasgada por algo que parecia uma garra. Demasiado grande para ser um animal e demasiado irregular para serem marcas de facas.

— Então, claramente, não foi um ataque *daemon*. — Os *daemones* eram um tipo especial de vampiro que vivia em Nova Orleães... e, ao contrário de muitos outros que alegavam, ambiciosamente, serem sugadores de sangue, estes tipos eram reais e eram predadores mortíferos com poderes sobrenaturais superdesenvolvidos. Sendo médicos-legistas, ela e Tate estavam habituados a ver o trabalho deles a passar pelos seus gabinetes.

O facto de ter aceitado e estar disposta a esconder o rasto dos *daemones* era o que a mantinha próxima de Tate. Eles não estavam a proteger os *daemones*, estavam a manter o resto da humanidade em segurança não revelando o que, de facto, andava por esse mundo, pronto para a caça. Se a humanidade descobrisse, enlouqueceria e acabaria por matar também pessoas inocentes.

O problema é que, embora os *daemones* bebessem sangue, não se alimentavam dele. Alimentavam-se de almas humanas. Por sorte, uma só alma humana podia mantê-los alimentados durante muito tempo, logo, por norma não saíam todas as noites em busca de vítimas.

Se é que se podia chamar sorte a algo assim. E Simone chamava, o que dizia muito sobre o quão bizarra era a sua vida.

Sempre que os *daemones* saíam dos seus buracos, os Predadores da Noite, para quem Tate trabalhava, procuravam-nos, na esperança de os impedir de matar mais pessoas. Um bónus em relação às mortes dos *daemones* era o facto de estas libertarem as almas humanas que tinham ingerido, de tal forma que as suas vítimas podiam seguir viagem para o Além.

Tate mergulhou a batata frita no ketchup.

— Claramente não foi um *daemon* — repetiu ele. — Drenaram-lhe o sangue todo e, tendo em consideração que não havia nenhum na cena do crime, presumimos que tenha sido assassinada noutra local e largada no beco. Tens a certeza que não a podes invocar do Além e perguntar o que aconteceu?

— Isso são coisas de sacerdotisas vudu, Tate. Os mortos vêm falar comigo, não o contrário.

Tate refreou uma expressão de desapontamento.

— Precisamos de encontrar o corpo o mais depressa possível. Os pais dela estão a caminho, de Wichita, e não quero ter de lhes dizer que a filha se levantou da mesa de exames e desapareceu sem deixar rasto.

— Conseguiste sacar alguma coisa do Nialls?

Tate fungou.

— Nada coerente. Como podes imaginar, ele estava um bocadinho histérico. Tudo o que disse foi que ela lhe sorriu a caminho da porta.

— Então não sabes se ela era um zombie?

— Felizmente nunca vi um zombie. Já vi muitas coisas estranhas no meu trabalho, mas isso não. E tu?

— Não. No entanto, aprendi a não pôr em causa esse tipo de coisas. Se há uma lenda, então existe algo real atrás dela.

Tate saudou-a, erguendo a sua bebida.

— Então e os teus contactos entre os Escudeiros? Eles têm alguma informação a este respeito?

Tate abanou a cabeça.

— Nenhum deles sabe mais sobre mortos a passear por aí do que tu ou eu. Os *daemones* não fazem levantar os mortos. Fazem cair os vivos.

Simone olhou para Jesse.

— Tens alguma sugestão?

— Só que gostava que o meu corpo ainda andasse por aí. Faria com que o facto de não estar bem morto fosse mais fácil de suportar.

— Obrigada pela não-ajuda, Jesse. És um amor.

Simone não disse muito mais enquanto terminavam o almoço, depois dirigiu-se para a morgue. Jesse optou por ficar no exterior enquanto ela seguia Tate para o interior da cripta. Sinceramente, não podia culpar Jesse pelos seus sentimentos. Exceto Jesse, ela também não gostava de passar tempo com os mortos. A única razão por que fazia o que fazia era para ajudar as vítimas e as suas famílias. Tendo visto a mãe e o irmão serem mortos a tiro à sua frente, a última coisa que queria era manter-se à margem e permitir que o assassino de alguém saísse em liberdade.

Era por isso que trabalhava para a cidade, em regime *pro bono*, e passava a vida a treinar a geração seguinte de médicos-legistas em Tulane. Achava que conseguia ajudar mais pessoas se pudesse treinar outros médicos-legistas a trabalhar de forma conscienciosa do que lidando apenas com os casos do dia a dia. Quanto mais pessoas fizessem bem o seu trabalho, menos criminosos sairiam em liberdade para voltar a matar.

Uma tal filosofia era, também, o que a mantinha solteira. A maior parte

dos homens não gostava de sair com mulheres que fossem igualmente hábeis com um bisturi e uma pá.

Tate abriu uma porta no meio das arcadas da cripta e puxou uma gaveta vazia.

— Ela estava guardada aqui.

— Tens algum artigo pessoal dela?

— Vou buscá-los.

Simone fechou a gaveta e virou-se ligeiramente ao sentir uma presença atrás de si. Era uma jovem mulher, com cerca de vinte e quatro anos. O cabelo castanho estava em desalinho e ela parecia algo confusa. Era um estado natural para muitos dos recém-falecidos.

— Posso ajudar-te? — perguntou Simone à rapariga.

— Onde é que eu estou?

Simone hesitou. Nunca gostara de ter de dizer a outra pessoa que já não estava viva.

— Qual é a última coisa de que te lembras?

— Estava a regressar a casa do trabalho.

Era um bom começo. Se Simone conseguisse ajudar a rapariga a recordar mais pormenores da sua vida mesmo antes de esta ter terminado, então talvez ela se recordasse também da sua morte.

— Como te chamas, querida?

— Gloria Thieradeaux.

Um arrepio percorreu a espinha de Simone, quando a reconheceu das fotografias. Aquela era a mulher cujo corpo se tinha erguido e abandonado a morgue.

Merde.

O fantasma olhou em redor da sala.

— Porque é que eu estou aqui?

— Não sei bem. — Tal como não sabia como é que o corpo dela se tinha reanimado a si próprio.

— Porque é que não consigo tocar em nada? — A agonia na voz da jovem mulher fez com que lágrimas de simpatia enchessem os olhos de Simone.

Não tinha como evitar a resposta e não tinha como a tornar doce ou gentil para a pobre jovem.

— Temo que estejas morta.

Gloria abanou a cabeça.

— Não. Só preciso de ir para casa. — Franziu o sobrolho e olhou em redor da divisão, como se estivesse a tentar identificar alguma coisa. — Mas não me consigo lembrar de onde vivo. Conheço-te?

Simone fez uma pausa. Algo não estava certo. Era normal que um fan-

tasma recente se sentisse ligeiramente desorientado, mas Gloria estava mais do que isso. Era como se faltasse uma parte de si...

— Jesse! — chamou Simone. — Eu sei que odeias vir cá dentro mas preciso mesmo, mesmo, de ti.

Ele manifestou-se mesmo ao seu lado.

— Sim, chefe?

Simone apontou para Gloria com um movimento do queixo.

— Ela não sabe onde mora.

O franzir de sobrolho dele era feroz.

— Lembras-te de quando é que te mataram?

— Jesse — sussurrou Simone —, um pouco de tato, por favor.

Ignorando-a, Gloria abanou a cabeça.

— Não me sinto morta. Têm a certeza que eu morri?

Simone passou a mão através do abdómen da mulher.

— Ou isso, princesa Leia, ou és um holograma.

Gloria fitava-a, algures entre o horrorizada e o incrédula.

— Como é que fizeste isso?

Jesse respondeu por ela.

— Não temos corpo. Tudo o que temos é a nossa essência e consciência.

Gloria cambaleou para trás, como se tudo aquilo fosse demasiado para ela.

— Não compreendo. Como é que alguém pode morrer e não o saber?

Jesse encolheu os ombros.

— Acontece. Não é comum, atenção. A maior parte das pessoas sabe quando morre mas, de vez em quando, alguém fica preso neste plano de existência sem saber que morreu.

Gloria abanou a cabeça, recusando-se a acreditar.

— Não posso estar morta. Tenho os exames finais.

— A Morte não espera por ninguém, querida — disse Jesse, sem hesitar. — Acredita, sei-o por experiência própria. É lixado, mas não deixa de ser a nossa realidade.

— O que é que se está a passar?

Simone virou-se ao ouvir a voz preocupada de Tate. Este encontrava-se atrás dela, com um envelope de papel pardo nas mãos.

— Encontrei a Gloria.

— Ótimo, onde é que ela está?

Simone olhou de relance para o local onde Jesse e Gloria se encontravam, lado a lado.

— Bem, o fantasma dela está mesmo à minha frente. Infelizmente, ela não tem mais pistas do que nós sobre o paradeiro do seu corpo.

Tate suspirou em sinal de frustração.

— Como pode ser isso? Quer dizer, a sério, o fantasma não devia ter uma espécie de mecanismo de orientação que o ligasse ao corpo ou algo assim?

— Faria sentido. Mas, infelizmente, as duas partes separaram-se e o espírito nunca regressa ao corpo... pelo menos que eu saiba. — Simone olhou para Jesse, que acenou com a cabeça em sinal de concordância.

Tate estendeu-lhe o envelope.

— Então, onde é que isso nos deixa?

— Com um mistério dos diabos. — Simone tirou-lhe o envelope das mãos e vasculhou no interior, tocando num fio que devia ter pertencido a Gloria. Fechando os olhos, tentou sentir algo sobre o momento e o local onde Gloria tinha falecido.

Não aconteceu nada.

Não conseguia sentir qualquer emoção que dele emanasse, o que era muitíssimo incomum. Desde os cinco anos que Simone era capaz de sentir as emoções que estavam ligadas aos objetos, mal lhes tocava.

Voltou a deixar cair o fio no interior do envelope.

— Sugiro que ligués aos teus amigos Escudeiros e os ponhas à procura do corpo dela, enquanto eu e o Jesse tentamos ajudá-la a recordar algo que nos possa conduzir ao seu paradeiro.

— Vou ver o que posso fazer.

Simone virou-se para Jesse.

— Já sei — disse ele, antes que Simone pudesse falar. — Vamos visitar o beco onde ela foi encontrada, em busca de pistas.

— Exatamente.

Tate fez uma pausa, em frente à porta, com o sobrolho franzido.

— Exatamente o quê?

— Eu e o Jesse vamos ao Warehouse District. Depois digo-te se encontrarmos alguma coisa.

— Faz-me esse favor. — Tate segurou a porta aberta para que ela e os seus «companheiros» pudessem sair.

Simone começou a percorrer o corredor branco, espartano.

— Ei, Simone?

Ela olhou para trás, para Tate, que se preparava para seguir na direção oposta.

— Sim?

— Tem cuidado.

Aquelas palavras sensibilizaram-na. Tate e LaShonda eram as únicas pessoas no mundo que sentiriam a sua falta caso lhe acontecesse alguma coisa.

— Tenho sempre cuidado, Bu. Tu sabes disso.

Ele inclinou a cabeça na direção dela.

— Ainda assim, mantém a tua arma de choque carregada e telefona-me mal termines. Não quero receber uma nova chamada para o mesmo beco. Já enterrei pessoas que amo suficientes. Não quero repeti-lo.

Simone sorriu perante a sua preocupação.

— É um beco, Tate. Há milhões deles nesta cidade. Vou ficar bem.

Tate acenou-lhe antes de se dirigir para o seu próprio gabinete.

Simone demorou um segundo enquanto aquela estranha sensação se apoderava dela mais uma vez. Nunca compreendera aquelas estranhas sensações. No entanto, de uma coisa lembrava-se bem... da primeira vez que a tivera.

«*Volto já, querida. Espera no carro e não saias daí.*» Essas tinham sido as últimas palavras que a mãe lhe dissera antes de ter entrado com o irmão na loja.

E morrido.

Simone estremeceu quando uma torrente descontrolada de dor abriu caminho através dela. *Num instante tudo pode mudar.* Esse era o mantra segundo o qual vivia a sua vida e uma lição que aprendera demasiado bem quando só tinha dez anos.

Nunca tomar nada, nem ninguém, como certo.

Num piscar de olhos a vida muda e, por vezes, tudo o que podemos fazer é aguentarmo-nos o melhor possível enquanto a vida faz os possíveis por nos derrubar.

Tentando não pensar nisso, prosseguiu ao longo do corredor, em direção à porta que dava acesso ao parque de estacionamento.

Kalosis (Inferno Atlante)

STRYKER percorreu o escuro corredor que conduzia do seu quarto à sala do trono, a partir da qual comandava o seu exército de *daemones*. Não devia estar lá ninguém, àquela hora do dia...

Ou da noite. O que quer que fosse. Convenhamos, ali, no Inferno, não era realmente importante.

Em Kalosis estava sempre escuro, já que qualquer quantidade de luz solar era fatal para os seus. Essa fora a maldição do seu pai, Apolo, que, no meio de uma birra, tinha condenado toda a raça *apollite*, que o próprio Apolo criara, a viver banida do Sol.

E a morrer dolorosamente aos vinte e sete anos. A única forma de um *apollite* sobreviver para lá do seu vigésimo sétimo aniversário era tomar no seu corpo uma alma humana. A partir desse momento, o *apollite* transfor-

mava-se num *daemon* — uma criatura demoníaca que tinha de continuar a engolir almas humanas para se manter viva.

Claro que era uma existência má e fria, mas também era muito melhor do que a alternativa.

Além disso, Stryker tinha sobrevivido onze mil anos como *daemon* — a sua existência tinha, sem dúvida, os seus benefícios. E as suas recompensas.

Muitíssimo divertido com esse pensamento, fez uma pausa à entrada da sua sala do trono quando viu a irmã, Satara, rodeada por um halo avermelhado, empoleirada no seu trono. O cabelo dela era preto — uma cor que raramente escolhia. Balbuciava palavras em grego antigo, enquanto se balançava ao ritmo de uma música silenciosa.

Pois...

Stryker pigarreou, mas ela ignorou-o. Não se sentindo divertido pelas ações dela, cruzou os braços sobre o peito e percorreu a distância que os separava.

O que ela estava a entoar divertiu-o ainda menos do que o facto de o ter ignorado.

— Porque é que estás a invocar um demónio?

Um olho, vermelho-sangue, abriu-se para o fitar com um olhar feroz.

— Não estou a invocar. Estou a controlar.

Stryker ergueu uma sobrancelha.

— A sério? Quem é que te deixou tão furiosa para estares a enviar um demónio?

— O que te importa? — Satara fechou o olho e continuou com o seu cântico.

Se eles tivessem uma relação carinhosa, Stryker talvez a tivesse deixado em paz. No entanto, ele estava longe de ser um irmão terno e Satara era a sua cruz. Estalando os dedos, tornou ofuscantes as luzes do grande salão.

— Se queres matar alguém, conheço alguns demónios *gallu* que estão mortinhos por comer.

Ela emitiu um grito penetrante antes de abrir os olhos e se levantar do trono.

— Como se eles fizessem qualquer coisa que eu lhes pedisse. És um idiota por permitir aos *gallu* ficarem aqui. É o mesmo que dormir com uma matilha de lobos ferozes aos teus pés. Mais cedo ou mais tarde, eles vão atacar e tu morrerás.

Como se ele tivesse medo de uns sumérios banidos.

— Kessar e companhia não me assustam. — A ambição insaciável da irmã, sim. Não havia nada que ela não fizesse para conseguir o que queria e ele sabia-o. — De quem andas atrás?

— Hades deixou aquele maldito Xypher sair do seu buraco.
O nome era-lhe vagamente familiar, mas pela sua vida que não se lembrava de quem era.

— Xypher?

Satara revirou os olhos.

— Oh, como é que te podes ter esquecido dele? Foi o primeiro Predador de Sonhos que eu persuadi a abandonar os seus deveres e fiz mudar de lado.

Stryker abanou a cabeça ao recordar o deus que se tinha revelado uma carga de trabalhos mal começara a cheirar os calcanhares de Satara. Tinham sido precisos vários deuses para encontrar o sacana e o matar.

— Por falar em lobos atrás de ti... Não te avisei a propósito dele?

— Oh, cala-te!

Stryker afastou-a, rudemente, para poder ocupar o seu lugar no trono.

— Sabes, irmãzinha, eu portar-me-ia bem, se fosse a ti. Afinal de contas, tu é que estás escondida... em minha casa.

— Não estou escondida.

— Não? Então porque estás aqui? Não devias estar no Olimpo, à disposição da tia Ártemis?

A fúria nos olhos de Satara disse-lhe que tinha tocado num ponto sensível. Ótimo. Stryker vivia para irritar as pessoas.

— O Xypher tem de ser parado. Ele matar-me-á, se tiver uma oportunidade.

— Achas? Atraíste o homem da sua vida confortável e divina, fizeste com que fosse perseguido e, depois, morto e torturado para toda a eternidade. Não consigo perceber porque é que ele não te traz rosas e beijos.

Satara ergueu o lábio, fitando-o.

— Bem, pelo menos eu não rasguei a garganta do meu próprio filho.

Stryker esticou um braço, num movimento veloz, e puxou-a para junto de si usando os seus poderes de semideus. Apertou-lhe a garganta até os olhos dela se tornarem protuberantes e a laringe começar a ceder.

— O Xypher não é o único homem que deves temer. — Atirou-a para longe de si.

Satara endireitou-se e tossiu, enquanto o fitava furiosamente.

— Dei-te tudo, Strykerius. Espiei em teu nome e contei-te coisas que mais ninguém te contaria. Agora peço-te um pouco de proteção e o que é que fazes? Ameaças-me. Como queiras. Partirei e, quando Xypher me matar, espero que recordes este momento e te lembres de que o facto de estares só neste mundo é exclusivamente culpa tua.

Stryker esfregou a testa, grato por não poder ficar com dor de cabeça por causa daquele monólogo lamentoso.

— Oh, para com o dramatismo. Nunca fui grande apreciador de teatro. Podes esconder-te aqui à vontade e libertar no mundo humano tantos demónios quantos quiseres. Mas, antes de aniquilares por completo a minha fonte de alimentos, posso dar-te uma sugestão?

— Qual?

Stryker invocou um par de pulseiras de ouro, que surgiram nas suas mãos — um de três pares que tinham sido descobertos há apenas dois anos. Um dos seus generais tinha-as encontrado e levava-lhas, sem saber o que eram.

No entanto, Stryker sabia e estava a reservar um par para um «amigo» muito especial.

Estendeu-lhe as pulseiras.

Pegando nelas, Satara fez uma careta como se estas fossem feitas de carvão e não de ouro atlante.

— O que é que faço com isto?

Stryker suspirou de cansaço. Havia alturas em que ela era brilhante, mas havia outras em que ele tinha de a conduzir como se ela tivesse a inteligência de uma cabra de cinco anos.

— Como é que matas um deus?

— Retiras-lhe os seus poderes.

Stryker acenou, aprovadamente.

— E se não o conseguires fazer?

— Seduzes um Chthoniano e dizes-lhe que o deus te atacou e depois ris, enquanto o Chthoniano lhe suga a vida. Mas não tenho tempo para isso. O Xypher está a um passo de abrir caminho por aqui abaixo e me matar.

Stryker rosnou-lhe, irritado.

— Para de pensar como uma prostituta por um minuto. A melhor forma de derrotar um inimigo é atacar o seu ponto mais fraco.

Satara pousou as mãos nas ancas. As pulseiras pendiam-lhe precariamente da mão direita, como se fossem imitações baratas e não valessem mais do que um reino humano... ou a vida dela.

— Ele não tem nenhum.

Stryker semicerrou os olhos, fixando-os nas pulseiras.

— Põe uma delas no braço dele e terá.

Finalmente interessada no que Stryker lhe tinha posto nas mãos, Satara inspecionou-as.

— O que é que estás a dizer?

— O que estou a dizer, Témis, é que essas pequenas pulseiras que tens nas mãos são o calcanhar de Aquiles dele. Entrega-as a um dos meus *daemones* Spathi e ordena-lhe que prenda uma no Xypher e outra num qualquer mortal e os teus problemas terão terminado.

Ela sorriu, ao compreender, por fim, o significado daquelas pulseiras.
— Elas unem-nos... Mato o mortal e Xypher morrerá.
Stryker inclinou a cabeça na direção dela.
— Melhor ainda, se o mortal se afastar mais de seis metros dele, o humano morrerá... e ele também.
Satara riu malevolamente antes de se aproximar do trono de Stryker e lhe beijar o rosto.
— Eu sabia que gostava de ti por um motivo.
Stryker não era suficientemente estúpido para acreditar nisso, nem por um instante. A irmã era incapaz de amar quem quer que fosse para além de si mesma. No entanto ele tinha conquistado o seu apoio durante mais alguns dias.
Satara atirou uma pulseira ao ar e apanhou-a com as mãos.
— Mal posso esperar por ver a expressão no rosto dele quando souber o que isto é. — Em seguida desapareceu, antes que Stryker lhe pudesse dar mais um conselho.
— Escolhe sabiamente o humano. — A última coisa de que ela precisava era de encontrar um que soubesse como lutar contra eles.

QUANDO Simone deu por encerrada a aula da tarde e chegou ao beco, já estava quase a anoitecer. A brisa soprava com um frio cortante e fora de estação quando ela saiu do *Honda* branco e subiu para o passeio. Levantou o colarinho do casaco de lã, de forma a tapar-lhe parte do rosto, e estremeceu. Nunca gostara de se aproximar de cenas do crime, em especial quando não tinham sido limpas. Naquele momento, não havia nada que marcasse aquele espaço como um local de violência. Parecia-se com todos os outros becos da cidade.

Foi isso que mais a perturbou.

A vida de Gloria tinha terminado abruptamente, ali mesmo, e só ela e a sua família alguma vez o saberiam. Centenas de pessoas passariam por aquele local inconscientes do facto de que uma jovem tinha sido ali largada como se fosse lixo. Pensar nisso deixou-a lívida e fê-la pensar na sua própria mãe.

Simone estremeceu.

— Estás bem? — perguntou Jesse.

— Sim. O frango do almoço não estava bom.

— Comeste uma sandes de queijo e fiambre.

— Oh, cala-te, espertalhão. Para de ser tão atento.

Simone levou a mão à mala e retirou do interior um par de luvas de látex, para o caso de encontrar alguma coisa. Também serviam para a pro-

teger de algum germe perdido que por ali andasse. Essa era uma das coisas que repetia constantemente junto dos seus alunos. Quaisquer roupas usadas numa cena de crime deviam ser tratadas como material perigoso. Nos últimos anos, já tinha levado para casa mais agentes contaminantes do que queria pensar e só isso já era suficiente para que se sentisse feliz por viver sozinha. A última coisa que queria era deixar doente alguém de quem gostasse.

Abriu o porta-bagagens do carro e atirou a mala para o seu interior, antes de retirar a sua caixa de ferramentas de médico-legista, que continha tudo aquilo de que precisaria para preservar quaisquer provas em que a polícia pudesse não ter reparado.

Gloria inclinou a cabeça, ao mesmo tempo que fitava o beco.

Simone sentiu o estômago apertado, por simpatia.

— Estás a lembrar-te de alguma coisa?

— Ouvi um rosnido estranho... — A voz dela era baixa. Distante.

— Um rosnido?

Gloria acenou.

— Era profundo e selvagem, mas não era bem como o de um animal.

— Era assim? — Jesse emitiu um som fantasmagórico, não humano.

Gloria franziu-lhe o sobrolho.

— Isso parece o Darth Vader a engasgar-se com um osso de frango.

Não.

Jesse lançou um olhar indignado a Simone quando esta começou a rir.

— Bem, parecia.

— Como queiram. Já vão ver se vos continuo a ajudar.

Simone abanou a cabeça, antes de agarrar na lanterna e se dirigir para a área onde, de acordo com as fotografias, estaria o corpo. Havia edifícios em três dos lados e uma sarjeta no centro. O passeio em redor estava partido. Um beco típico, com imenso tráfego à sua volta. Já para não falar no facto de qualquer pessoa nos edifícios em redor poder facilmente olhar pela janela e ver o local onde se encontravam.

Isso fazia com que se perguntasse se haveria alguma testemunha que tivesse visto o assassino...

Simone olhou de relance para o local onde Jesse deslizava, ao estilo Moonwalk de Michael Jackson, enquanto vigiava o beco e a rua. Tudo o que o rapaz precisava era de um casaco de cabedal vermelho com rebites dourados e uma luva de lantejoulas.

— Desculpe-me Sr. Thriller ou Beat It ou que raio de vídeo é que estás tristemente a reviver... Sou só eu ou esta área é demasiado exposta para ter sido um ataque *daemon*?

Depois de lhe ter dirigido um olhar carregado de ódio, Jesse concordou.

— Há demasiado movimento por aqui e eles não se teriam importado com um pouco de sangue no chão. Aqueles sacanas são uns porcos a comer.

— Sim, também estou a pensar o mesmo. Acho que o Tate tinha razão quando disse que ela morreu noutra sítio. Mas as marcas de garras no pescoço... isso não é humano. Se não foi um *daemon*, então o que é que a matou?

— Desculpem lá — ripostou Gloria. — Eu estou aqui. Não se importam?

Simone estremeceu perante a sua própria insensibilidade. Normalmente, ela era muito mais cuidadosa quando estava perto de espíritos.

— Desculpa.

Jesse aproximou-se de Gloria.

— Mas tu lembras-te de ter estado aqui, certo?

Gloria acenou.

— Ouvi o som e, depois, tentei atravessar a rua para me afastar dele.

— Ótimo — avançou Simone. — Lembras-te de mais alguma coisa?

Gloria abanou a cabeça.

— Eu acho mesmo que não estou morta. Quer dizer, eu sei que passaste a mão através de mim, há bocado, mas lembro-me de ter visto um filme com a Reese Witherspoon...

— *Enquanto Estiveres Aí* — ofereceu Simone.

— Sim, era isso. Toda a gente pensava que a Reese era um fantasma, mas ela estava em coma. Talvez eu também esteja.

Simone gostaria muito que fosse esse o caso. Olhou para Jesse, na esperança de que ele a pudesse ajudar a fazer com que Gloria compreendesse que aquilo era definitivo e que não tinha como regressar daquele estado, por muito que todos desejassem o contrário.

Jesse dirigiu a Gloria um sorriso compreensivo.

— Sei como te sentes. Essa incredulidade não para de te dizer que é apenas um sonho, mas tens de aceitar o facto de que não estás em coma.

Simone suspirou enquanto percorria com o olhar o beco vazio. Tudo o que havia ali era um pedaço de papel e um copo do Starbucks amachucado. Mais nada.

— Não vejo mesmo nada de útil — disse aos fantasmas. — A polícia deve ter levado tudo. Vamos ter com o Tate, para saber o que os seus conseguiram desenterrar.

Quando deu um passo na direção do carro, ouviu um som sibilante atrás de si que a deixou arrepiada. Não estava lá ninguém antes...

— Certamente não nos queres deixar tão cedo. Afinal, ainda agora chegámos... e estávamos à procura de um bom petisco.

Simone virou a lanterna para o homem que estava a falar. Correção, não era um homem. Era um *daemon*.

E não estava sozinho.



Capítulo

DOIS

O ROSTO de Jesse empalideceu. Não que, sendo um fantasma, tivesse muita cor, por isso quando ele perdia a pouca que tinha, Simone ficava assustada.

Jesse dirigiu-lhe um sorriso atrevido.

— Parece que eu estava errado em relação aos *daemones* escolherem este sítio, há?

Simone recuou.

— Sim, Jesse, não acertaste.

O *daemon* virou-se para Jesse e sorriu.

— Que atencioso. Temos três pelo preço de um, rapazes. Parece que Apolo estava de bom humor, esta noite.

Quando os *daemones* avançaram para Gloria, Simone tirou a arma de choque do bolso e atacou-os. Nem pensar que ela os ia deixar magoar o pobre fantasma.

— Fiquem longe dela!

O primeiro *daemon* esquivou-se às centelhas elétricas que voaram da arma de choque na sua direção e atirou Simone para trás. Antes que ela pudesse contra-atacar, ele já lhe tinha tirado a arma da mão.

— Não tenhas ciúmes, querida. Num instantinho chegaremos a ti.

— Instantinho? — O tom maldoso, trocista, lançou um arrepio pela coluna dela. — Que tipo de maricas patético usa a palavra «instantinho»?

Simone estacou perante a voz tão profunda que parecia ressoar dentro dos seus ossos.

Da escuridão emergiu uma sombra, tão grande que ela se sentiu pequena. Um instante depois, o *daemon* voava por cima da sua cabeça e batia contra a parede ao lado de Jesse, chocando com tanta força que Simone ficou admirada com o facto de ele não se ter esborrachado como um inse-

to. E, rapidamente, teve a companhia de um outro *daemon* que aterrou em cima dele.

— Abre o portal — rosnou o estranho para o terceiro *daemon* que segurava nas mãos.

— Não vou abrir ponta.

— Resposta errada.

O *daemon* foi-se juntar aos outros dois.

A sombra aproximou-se dela, erguendo-se como uma montanha. Sinistro. Furioso. Frio. Determinado.

Simone virou para ele a luz e sentiu que o ar lhe fugia num arquejo súbito. Erguendo-se facilmente acima do metro e oitenta, tinha cabelo preto e comprido que lhe envolvia, em desalinho, as feições tão perfeitas como as de um qualquer ator e os olhos tão azuis que quase brilhavam no escuro. Tinha o maxilar tenso, como se estivesse a tentar impedir a fúria de se libertar e a falhar miseravelmente. Cada parte do seu corpo ondulava como um animal selvagem à caça. Ele era sedução e morte.

Envergando apenas umas calças de ganga e uma t-shirt pretas, parecia imune ao frio. Os ombros eram largos, a cintura estreita e libertava uma aura que dizia assassino. Sem medo.

Sem misericórdia.

Aqueles olhos azuis, gelados, fitaram-na, penetrantes, com ódio e aviso. E fizeram-na arrepiar.

— Esta é a parte em que precisas de correr, pequena humana. Não olhes para trás.

Aquelas palavras deixaram-na tão furiosa quanto ele parecia estar. Ela não era incompetente nem fraca.

— Não sou pequena.

Simone desferiu uma cotovelada na garganta do *daemon* que corria na sua direção antes de o atirar ao chão e o pontapear.

O recém-chegado fungou perante o seu espetáculo de força.

— Então que a morte te fique bem. — Inclinou-se e ergueu do chão o *daemon* que ela tinha atacado. Atirou com ele contra a parede com tanta força que deixou uma marca no tijolo. O *daemon* rosnou e praguejou.

— Abre o portal — exigiu do *daemon*, cuja boca e nariz sangravam profusamente.

Como que em resposta às suas palavras, uma luz forte brilhou no fundo do beco, mesmo a um canto.

O homem largou o *daemon* que tinha nas mãos e dirigiu-se para a luz mas, antes que conseguisse entrar, um *daemon* gigantesco e louro emergiu dela.

Não se tratava de um *daemon* normal, como os que já tinha visto antes. Vestido de cabedal preto, tinha a aura de um lutador treinado. De alguém que estava habituado a matar e a tornar a morte tão divertida quanto possível.

Simone não se conseguia mexer perante a imagem assustadora. Com pelo menos dois metros, o *daemon* riu e mostrou as presas, compridas e afiadas, ao homem de cabelo escuro, um instante antes de o atacar.

Murros e pontapés voavam mais depressa do que ela os conseguia acompanhar. Aparentemente não mais corajosos do que meninas da escola, os outros três *daemons* correram na direção da rua para se afastarem dos combatentes.

Simone cambaleou para trás quando o *daemon* atirou o homem contra a parede. O estranho ficou sem fôlego ao colidir contra a pedra. O *daemon* acertou-lhe um murro no maxilar, com tanta força que ela foi capaz de o sentir.

O homem recebeu-o com um sorriso, antes de dar uma cabeçada ao *daemon*, que cambaleou para trás. No entanto o *daemon* não se afastou muito antes de levar a mão ao bolso do casaco e retirar do seu interior uma grande pulseira de ouro. Prendeu-a em redor do pulso do homem.

O estranho silvou como se a pulseira lhe queimasse a pele. O *daemon* pontapeou-o, fazendo-o recuar, depois virou-se para ela.

Aquela seria uma boa altura para aceitar o conselho do estranho e correr tão depressa quanto pudesse.

Simone não sabia quais eram as intenções do *daemon* mas, quaisquer que elas fossem, não renunciavam nada de bom para ela. Correu em direção à rua. O *daemon* apanhou-a e atirou-a ao chão. Tentou fugir mas ele era sobrenaturalmente forte e muito mais rápido do que ela.

Agarrou-a pelo braço e fê-la virar-se de costas. Ela tentou pontapeá-lo. Não funcionou. Ele puxou-lhe a manga para cima, por forma a expor-lhe o antebraço.

Em vez de a morder, prendeu-lhe no pulso outra pulseira. A dor dilacerou-lhe o braço com tamanha ferocidade que não ficaria surpreendida se descobrisse que o braço tinha sido rasgado.

Lutou por respirar por entre a dor.

Entretanto o *daemon* riu perante as lágrimas que se acumulavam nos seus olhos. Sorriu maldosamente.

— Está na hora de morreres, humana.

Antes que pudesse levar a cabo a sua promessa, Jesse agarrou na caixa de ferramentas dela e atirou-a contra as costas do *daemon*. Este virou-se contra ele com um assobio tornado feroz pelas presas afiadas como facas e saltou.

Um segundo depois o estranho estava ali, erguendo-a do chão e empurrando-a em direção à rua.

— Mexe-te.

— E o que é que eu estava a fazer?

— A tirar macacos do nariz. — O homem fez uma pausa, lançando a mão na direção do *daemon* que os perseguia. A criatura vestida de cabedal encolheu-se como se algo invisível lhe tivesse acertado.

Um instante depois, essa mesma força invisível acertou nela e atirou-a pelo ar. Simone aterrou no chão com um baque tão forte que lhe arrancou o ar dos pulmões.

— Respira, Simone, respira — disse Jesse aparecendo ao seu lado. Agarrou as chaves que ela tinha no bolso e meteu-lhas na mão. — Agora põe-te a andar! — Correu para o carro dela e abriu-lhe a porta.

Simone seguiu-o, tão depressa quanto lhe era possível. Quando estava a entrar, sentiu que alguém chocava contra as suas costas. Olhou para trás e viu o estranho de cabelo escuro. Ele empurrou-a para o lugar do passageiro e entrou para o carro atrás dela.

Ainda mais surpreendente do que isso, olhou diretamente para Jesse, que ainda estava no exterior.

— Entra, rapaz-fantasma ou sê comido. Não quero saber qual das duas e não vou ficar à espera.

Algo atingiu o carro.

Virando-se para olhar, Simone arquejou ao ver o *daemon* vestido de cabedal empoleirado, como um ornamento gigante, no capô branco do carro. Moveu-se para esmurrar o para-brisas. O homem ao lado dela acelerou e atirou com o *daemon* de cara contra o vidro, antes de carregar nos travões e o lançar a voar de cima do capô.

O estranho guinou o volante e lançou o carro para o trânsito, passando por cima do separador central. Os pneus guincharam. Os carros chocavam à sua volta, ao mesmo tempo que as buzinas começavam a fazer-se ouvir.

Simone fez o sinal da cruz e rezou enquanto observava os faróis que avançavam na sua direção, rápida e furiosamente. As mãos dela tremiam de medo; apertou o cinto, enquanto Jesse gritava como uma criança aterrorizada no banco de trás. Como se *ele* pudesse morrer.

O homem guinou de novo o volante, um instante antes de chocarem de frente com um camião do lixo, e lançou o carro de novo para a faixa correta. Ainda assim, os carros à sua volta travavam repentinamente e guinavam para sair do seu caminho.

— Isto talvez fosse mais fácil se eu soubesse conduzir, não?

Os olhos dela abriram-se, ao mesmo tempo que fitava o homem ao seu lado.

— Espero que estejas a brincar.

— Na verdade, não — respondeu ele, raspando com o para-choques num carro estacionado.

Simone não sabia o que a horrorizava mais. Se o homem ao seu lado, se o agravamento no seguro caso ele não parasse de bater com o carro.

— Cuidado! — gritou, quando ele avançou na direção de mais um camião.

O estranho guinou um segundo antes do embate.

Quando ele virou para um beco e carregou nos travões com força suficiente para lhe deixar uma nódoa negra no ombro, por causa do cinto, Simone estava pronta para saltar do carro e arriscar a vida na estrada em vez de morrer num monte de metal retorcido e em chamas.

O estranho virou-se no assento para olhar para ela. Com feições quase perfeitas, era de uma beleza rude. Os seus olhos azuis mostravam inteligência, ainda que não mostrassem simpatia. Tinha um dos braços musculosos apoiado no tabliê e o outro no assento. Seria lindo, se não fosse tão assustador.

— Não faço ideia do que estou a fazer. Tendo isso em conta, acho que devo entregar esta coisa a alguém que a saiba operar convenientemente.

Simone arquejou, tentando respirar, ao mesmo tempo que se esforçava por obrigar o coração a parar de martelar. Afastou a mão que agarrava com força o puxador da porta.

— Quem diabo és tu?

O homem olhou de relance para a pulseira que lhe envolvia o pulso, depois puxou-a como se estivesse a tentar ver-se livre dela.

— Xypher e tu?

— Eu estou lixada. Destruíste-me o carro, atiraste comigo de um lado para o outro e és um absoluto imbecil!

— Credo — disse ele, secamente —, que maus modos. A tua mãe devia querer mesmo um filho. Importas-te que te chame «lixada» para abreviar? O resto é demasiado longo para dizer de cada vez que te quero chamar a atenção.

Jesse riu a partir do banco de trás.

Simone fitou-o, de olhos muito abertos.

Pelo menos Jesse teve a decência de parecer arrependido. — Desculpa, mas devias pôr-te no meu lugar. Vocês os dois são o máximo.

— Cuidado, rapaz-fantasma, ou invoco um *daemon* e ofereço-te como *snack*.

Simone ficou estupefacta.

— Consegues ouvi-lo?

Xypher dirigiu-lhe um olhar inexpressivo antes de responder secamente.

— Tu não consegues?

— Sim. Mas nunca ninguém o ouve.

— Parece que afinal não és assim tão especial, hum?

Simone fez-lhe uma careta.

— És tão rude.

— A sério, humana?! — Começou a puxar pela pulseira com os dentes.

Simone encolheu-se perante o som do esmalte a raspar no metal. Odiava ouvir os dentes a raspar daquela forma.

— O que é que estás a fazer?

O estranho suspirou de frustração antes de voltar a puxar pela pulseira.

— Não fazes ideia do que aconteceu agora mesmo, pois não?

— Para além de ter sido atacada por ti e por um grupo dos amaldiçoados, há mais alguma coisa que devesse saber?

Ele ergueu-lhe o braço, mostrando-lhe uma pulseira que era igual à sua.

— Sim. Já que estamos os dois a usá-las, vou arriscar e dizer que nos ligaram de alguma fora. Porque, convenhamos, os *daemones* normalmente não nos marcam antes de morder. Não estamos perante o Marlin Perkins a tentar estudar-nos.

Simone baixou os olhos para o braço, ao mesmo tempo que um mau pressentimento a atravessava.

— O que é que estás a dizer? — A verdade é que Simone sabia, mas queria que ele o dissesse antes de se mostrar disposta a acreditar.

— Estou a dizer que, se fosse a ti, não me afastava muito enquanto não conseguirmos descobrir o que é isto, exatamente, e o que é que faz. Conhecendo os deuses como eu conheço, tenho a certeza que estamos lixados com um «f» grande.

Conhecendo os deuses...

Oh, isto estava a ir de mal a pior.

— O que é que tu és? — perguntou Simone, aterrorizada com a resposta que ele lhe poderia dar.

O olhar dele era tão frio como o vento no exterior.

— Não faças perguntas para as quais não queres realmente uma resposta.

— Hum, malta... — disse Jesse, interrompendo-os. — Os *daemones* têm um carro e vêm atrás de nós.

Xypher praguejou.

Num piscar de olhos, Simone passou do lugar do passageiro para o do condutor. Xypher ocupava agora o seu assento.

— Consegues tirar-nos daqui?

Provavelmente Simone devia perguntar-se o que é que tinha acontecido mas, tendo em consideração que um dos seus melhores amigos era um fantasma e que o outro trabalhava para caçadores de vampiros imortais, estava habituada a conviver com o incomum no seu dia a dia. O importante, naquele momento, era libertar-se.

— Condução defensiva passo a passo. Apertem os cintos de segurança. — Engatou a marcha-atrás e acelerou na direção dos *daemones* que guinaram rapidamente para não lhe acertar. Simone fez uma inversão de marcha rápida, no centro da estrada, e seguiu, de novo, em direção ao beco onde se tinham conhecido.

— Bom trabalho.

Simone estava espantada com o facto de o carrancudo Xypher ser capaz de lhe fazer um cumprimento.

— Passar tempo com a polícia compensa. Aprendemos todo o tipo de coisas úteis.

A cabeça de Jesse surgiu entre eles.

— Ainda vêm atrás de nós.

— Não durante muito tempo.

Xypher abriu a janela e retirou uma arma do bolso das calças. Abriu fogo sobre o carro que os seguia.

Os olhos de Simone abriram-se muito quando ouviu o pneu a explodir. O carro deslizou de lado, antes de se virar no meio da rua.

— Bela pontaria, Tex.

Ele tirou o carregador e substituiu-o por outro.

— Tenho uma vantagem injusta. Posso fazer com que as balas viajem para onde quero. Matei os *daemones* antes de virar o carro.

Simone curvou para um parque de estacionamento, depois voltou a parar. Rodou no banco para olhar para o estranho. As faces dele estavam vermelhas do esforço e da queimadura que o vento lhe fizera na pele quando disparara sobre os *daemones*. A cor realçava-lhe ainda mais os olhos.

Ele parecia lindo e humano, no entanto...

— O que é que tu és, exatamente?

Xypher não respondeu, limitando-se a massajar a testa com uma mão.

— Precisamos de descobrir o que fazem estas pulseiras antes que fique ainda mais escuro. Não gosto de brincar com fatores desconhecidos.

Ela dirigiu-lhe um olhar divertido.

— Não estás sozinho no Planeta Ego. Eu também gosto de saber com o que estou a lidar e neste momento, meu caro psicopata, tu és o mais importante fator desconhecido do meu mundo. Por isso responde à minha pergunta. O que é que tu és?

O ar de desprezo regressou-lhe ao rosto.

— A resposta não é assim tão fácil, humana.

Ela desligou o carro, retirou as chaves da ignição e cruzou os braços sobre o peito.

— Tenta.

Xypher cerrou os dentes, lutando contra a vontade de a matar. Afinal de contas, ela não passava de mais uma humana, ainda que engraçada. Humana, ainda assim. Normalmente não hesitaria em acabar com o seu sofrimento, mas ele tinha um péssimo pressentimento em relação à pulseira que trazia no braço. O facto de ambos a estarem a usar provavelmente significava que as suas vidas, se não mesmo as suas almas, estavam de alguma forma ligadas. O que significava que, se ela morresse, o mais certo era que lhe acontecesse o mesmo.

Maldição. Ela teria de viver até ele descobrir o que se estava a passar.

Considerou mentir-lhe. Mas para quê dar-se a esse trabalho? Ela tinha visto os *daemones*, alguns dos seus poderes e que diabo! Havia um fantasma no banco de trás que parecia ser amigo dela. A forma como se tinha comportado até ali dizia-lhe que estava, pelo menos, familiarizada com o sobrenatural.

Qual era o problema de lhe dar mais alguma informação?

— Como está o teu conhecimento de mitologia grega? — perguntou-lhe.

— Zeus é o rei, certo?

Xypher fungou.

— Ele acha que sim, a maior parte dos dias. Pessoalmente, acho que é um idiota pomposo a quem Hera devia dar um estalo, pelo menos uma vez na sua existência.

Simone estremeceu ao compreender que ele deveria estar de alguma forma relacionado com eles...

Sim, a sua sorte estava a melhorar a cada minuto.

— Então o que é que Zeus tem a ver com isto?

— Na verdade, não muito. Tu é que falaste nele.

Simone suspirou, exasperada.

— Estou a ficar com dor de cabeça e tu continuas a evitar a minha pergunta.

— Como queiras — limitou-se a dizer. — Sou um Skotos.

Ela franziu o sobrolho perante a palavra estranha.

— O que é que isso significa? Tens uma unha encravada?

Ele não pareceu nada divertido com a pergunta.

— Não, humana, significa que eu costumava ser um deus dos sonhos.

Bem ele até era algo de sonho...

Oh, não, Sim, não estás a acreditar nestas tretas, estás? Parecia tão rocambolesco e, no entanto, os Predadores da Noite para quem Tate trabalhava constituíam um exército de guerreiros imortais criados pela deusa Ártemis para proteger a humanidade.

Sim, ela tinha demorado algum tempo a engolir a realidade. No entanto, se acreditava que Tate não era louco e que os *daemones* eram reais — porque já os tinha visto mais vezes do que o desejado —, então não tinha outra hipótese senão acreditar também naquela história da carochinha.

Inspirando fundo para se preparar para o resto da história, ficou tensa.

— E agora és...?

— Um morto-vivo.

Com imagens de *daemones* a tentar devorá-la a deslizar-lhe pela mente, Simone saiu disparada do carro. Tudo aquilo em que conseguia pensar era em fugir dele, antes que ele decidisse transformá-la na sua próxima refeição.

Não chegou muito longe.

Xypher apareceu à sua frente e prendeu-a contra o peito.

— Eu disse-te que não...

Ela bateu-lhe com força na garganta.

Praguejando, ele libertou-a, lutando por respirar.

Xypher olhou fixamente para ela, enquanto se imaginava a estraçalhá-la em pedaços sangrentos. Enraivecido para além do tolerável, estendeu a mão e prendeu-a contra a parede atrás dela. Com a própria garganta a latejar, avançou na sua direção, determinado a fazê-la pagar por aquele ataque.

Já lhe tinham batido o suficiente durante a sua vida...

— Faz isso outra vez — rosnou por entre os dentes cerrados — e, com ou sem pulseira, arranco-te a cabeça e usá-la-ei como batente da porta.

Simone sentiu o medo a deslizar-lhe pela espinha, mas não ia permitir que ele o visse.

— O que é que queres de mim?

— Absolutamente nada. Tudo o que quero é uma entrada para o Inferno dos *daemones* para poder matar uma velha amiga. Tu não és mais que a pobre desgraçada que foi apanhada no fogo cruzado.

Largou-a tão depressa que Simone quase caiu. Recompôs-se e ergueu-se, tão direita quanto podia, mas a sua altura estava longe de intimidante, já que ele era bem mais alto do que ela.

— Não gosto de ser ameaçada, enganada ou manipulada. É bom que te lembres disso — contrapôs.

Ele riu-se da aparente coragem dela.

— Caso contrário, o que é que vais fazer? Choramingar?

Jesse avançou na direção dele mas, antes que lhe pudesse acertar,

Xypher virou-se e agarrou-o pela garganta. Atirando Jesse para o chão, recuou para lhe bater, mas interrompeu o movimento antes de terminar o murro.

Xypher afastou-se.

Jesse fitou Simone de boca aberta enquanto se levantava.

Simone estava chocada. Embora Jesse pudesse mover coisas, nunca ninguém fora capaz de lhe tocar.

— Consegues tocar-lhe?

Xypher cruzou os braços sobre o peito.

— Ainda tenho muitos dos meus poderes divinos, mas não todos, e aqueles que tenho vão e vêm de forma imprevisível. Sem dúvida cortesia de Hades e do seu sentido de humor doentio.

Jesse fitou-a incrédulo.

— Acho que vamos ter de acreditar nele. Ninguém tem sido capaz de me tocar desde a noite em que morri.

Engolindo em seco, Simone acenou a sua concordância. O que Xypher acabara de fazer era impossível e inexplicável.

— Está bem. Vamos começar de novo. És um deus dos sonhos com os poderes avariados que está determinado a matar alguém. E isto... — Ergueu o braço com a pulseira. — É uma infeliz oferta.

Ele acenou.

— Tanto quanto sei, estes brinquedinhos podem explodir e matar-nos. Temos de nos ver livres deles.

Achas? Refreou o sarcasmo, pressentindo que não melhoraria a sua situação nem o mau humor dele.

— Muito bem. Acho que conheço alguém que nos pode ajudar.

— Tu? — Fungou. — *Tu* conheces alguém. — Riu.

Oh, aquilo era ofensivo.

— Ei, por acaso conheço muita gente. A maior parte delas muitíssimo incomum.

— Sim, e alguma delas tem ligação a um deus grego?

— Por acaso têm. — Ela dirigiu-lhe um olhar convencido. — Trabalham para Ártemis.

Ele ficou imediatamente sério.

— Conheces os Predadores da Noite?

— Pessoalmente não, mas conheço um Escudeiro.

— Leva-me até ele.

Aquelas palavras deslizaram por ela como gelo por um vestido a meio da noite.

— Tu és um FDP muitíssimo mandão. Quem é que morreu e fez de ti...

Simone fez uma pausa ao compreender que se ele estava, realmente, a dizer a verdade, então o homem era mesmo um deus. O que responderia à sua pergunta. E também explicava o seu ego e arrogância.

— Esquece. Entra no carro e vamos à procura do Tate. Se estiveres certo em relação à possibilidade de estas coisas explodirem, então precisamos de nos apressar.

De repente apareceram dentro do carro.

Simone abanou a cabeça para a desanuviar, ao mesmo tempo que um zumbido estranho lhe soava nos ouvidos.

— Uau! Podes levar-nos assim para o gabinete do Tate?

— Só se já lá tivesse estado. Tenho de conhecer o sítio para onde vou, para que seja perfeito. Caso contrário, poderíamos aparecer dentro de uma parede ou nalgum local imundo.

Imundo era mau. Não era algo que desejasse, sem dúvida alguma. Ficar presa numa parede não seria muito melhor.

Jesse apareceu no banco de trás.

— Já agora, algum de vocês se apercebeu de que a Gloria desapareceu durante a perseguição? Não sei se isso é uma coisa boa ou má.

A tristeza apoderou-se de Simone quando ligou o carro.

— Tenho a certeza que é má. Mas preocupar-nos-emos com ela depois de falarmos com o Tate. A menos que a consigas encontrar no plano infernal, não há muito que possamos fazer por ela, neste momento.

O medo brilhou nos olhos castanhos de Jesse.

— Sim, pois. Lembras-te do que aconteceu da última vez que fiz isso? Não é uma experiência que me queira apressar a repetir.

Nem ela. O pobre Jesse quase tinha sido engolido por um *daemon*.

Simone dirigiu-se para o gabinete de Tate e, entretanto, pegou no telefone pousado na consola central. Marcou o número dele para ter a certeza que estava lá.

Ele respondeu ao quarto toque.

— Olá, meu amor. Acabei de falar com os Escudeiros.

Simone olhou de relance para Xypher, sentado ao seu lado com um ar sombrio e irritável.

— Isso é excelente, mas neste momento tenho um problema bastante urgente.

— Encontraste alguma coisa?

— Acho que poderíamos dizer antes que algo me encontrou a mim.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Tate, a voz cheia de medo.

Simone considerou qual seria a melhor forma de lhe contar o que tinha acontecido, mas ela não era conhecida por andar com rodeios. Além disso,

se Tate trabalhava para os Predadores da Noite, talvez soubesse o que era um Predador de Sonhos.

— Enquanto eu estava a analisar algumas coisas, apareceu um grupo de *daemones* e também... um Skotos.

Tate riu, nervoso.

— Estás a gozar comigo, certo?

Xypher ergueu uma elegante sobancelha como se conseguisse ouvir a sua conversa.

— Não — disse ela, arrastando a palavra — e suponho que saibas o que é, certo?

— Sem dúvida. Estás ferida?

— Um bocadinho abalada. — Virou à esquerda, na direção de Canal Street. — Mas o principal é que os *daemones* prenderam algo no meu pulso e também no do Skotos. Não sabemos o que é e precisamos de encontrar alguém que saiba.

— Precisam de um oráculo. — Tate fazia com que isso soasse tão simples!

Simone abanou a cabeça.

— Sim, e só estamos um bocadinho longe de Delfos, querido.

— Não precisam de ir à Grécia, Bu. Conheces o Julian Alexander, certo?

Ela franziu o sobrolho perante o nome familiar.

— O escaldante professor de Clássicas?

— Não que eu, pessoalmente, o considere escaldante, mas sim.

Simone ignorou o sarcasmo.

— Não me estás a querer dizer que ele é um oráculo que fala com os deuses?

Tate riu, diabolicamente.

— Prepara-te, Bu. Ele é filho de Afrodite.

Claro que era... Porque é que alguma coisa naquele mundo haveria de fazer sentido? Por amor de Deus, até parecia que estava sentada ao lado de um dos homens mais escaldantes do planeta, ele mesmo um deus. Ou que levava no banco de trás um fantasma adolescente a balbuciar a letra de «Everybody Wants to Rule the World» dos Tears for Fears.

Fazia perfeito sentido que o borracho do Departamento de Clássicas também fosse um semideus...

— Eu sabia que não ia gostar da resposta — murmurou. — E pensar que, durante todo este tempo, achei que ele era apenas um professor engraçado.

— E todos os teus alunos acham que és excêntrica por falares sozinha, quanto te apanham a meio de uma conversa com o Jesse.

— Claro que acham. Está bem, como é que o encontro?

— Deixa-me dar-te o número.

Simone repetiu o número para que Jesse a ajudasse a memorizá-lo. Desligando a chamada para Tate, ligou imediatamente para Julian.

Este respondeu ao terceiro toque.

— Dr. Alexander?

— Sim?

— Não sei se se lembra de mim, mas já nos cruzámos algumas vezes em cerimónias da faculdade. Sou a Dra. Simone Dubois...

— A médica-legista e professora de Patologia... Sim, lembro-me de si.

Isso era impressionante, já que ela era deveras banal. De altura mediana, de peso mediano, com cabelo castanho-escuro encaracolado e olhos cor de avelã, e normalmente usava roupas beges e castanhas ou uma bata de laboratório. Por norma não ficava gravada na memória das pessoas. De facto, o jornal do liceu chegara a considerá-la a aluna Com Maiores Probabilidades de Ser Esquecida... ou de que Alguém se Lhe Sente em Cima por Engano. O facto de o Dr. Alexander se lembrar provocava nela uma certa excitação injustificada.

— Ainda bem, porque eu estou com um pequeno problema.

— E que problema é esse? — Mesmo através do telefone, Simone conseguia aperceber-se das reservas na sua voz.

Xypher arrancou-lhe o telefone da mão e começou a falar com Julian numa língua que ela não conseguia, sequer, começar a identificar. Dito isso, a sua qualidade suave e lírica era incrivelmente sensual. Era o tipo de tom capaz de deixar uma mulher em brasa, mesmo que só estivesse a encomendar uma piza. E ela odiava o facto de isso a estar a afetar.

Belo ou não, era um idiota e a última coisa de que qualquer mulher precisava era de alimentar o seu ego enorme e mandão.

Passados alguns minutos, ele passou-lhe o telefone.

— Ele vai dar-te indicações para casa dele.

— Obrigada — disse ela, secamente. Tirou-lhe o telefone das mãos. — Dr. Alexander?

— Trata-me por Julian.

Simone ouviu atentamente enquanto ele lhe dizia como chegar a sua casa. Felizmente não era muito longe.

Não demorou muito tempo a encontrar a pequena vivenda junto a St. Charles. Simone mal tinha estacionado o carro, antes de Xypher os fazer aparecer no alpendre.

— Sabes, isso é deveras intrometido e desorientador.

— Não quero mesmo saber. — Ele bateu à porta.

Simone abanou a cabeça enquanto Jesse se lhe juntava. Jesse parecia tão agradado quanto ela.

Julian abriu a porta com uma expressão muito pouco acolhedora. O quão belo era aquele homem nunca deixava de a chocar. E ela não era a única a pensá-lo. As aulas dele estavam sempre à pinha, repletas de alunas que não queriam mais do que olhar para ele. O facto de ser um dos maiores especialistas do mundo em civilizações antigas era apenas um bónus.

O professor semicerrou os olhos sobre Xypher, como se não acreditasse no que estava a ver.

— Tens emoções.

Xypher arreganhou o lábio.

— Na verdade não. Só tenho uma. Raiva. A menos que contes com o desejo insaciável de vingança. Nesse caso, são duas.

O franzir de sobrolho de Julian tornou-se mais profundo.

— Como é que posso...

— Olha — interrompeu Xypher. — Não tenho tempo para isto. Tira-me a pulseira para que eu possa fazer o que tenho de fazer.

— Ele é de ideias fixas — explicou Simone.

— Sim, nota-se. — Julian recuou. — Entrem e deixem-me olhar para isso.

Xypher enfiou, literalmente, o braço na cara de Julian. Aquele homem era verdadeiramente detestável.

— Vê.

— Desconfio que foi criado por macacos — disse Simone a Julian.

Julian deu uma gargalhada contida antes de agarrar no antebraço de Xypher e examinar a pulseira, sem sair da soleira da porta.

— Isto não é grego.

Xypher fungou.

— Claro que é. Conheço o trabalho de Hefesto.

— Também eu e isto não é dele. — Julian dobrou o braço de Xypher para que este pudesse ver a fechadura. — É só um tiro no escuro, mas acho que a sua origem é atlante.

Xypher ainda não parecia convencido.

— Tens a certeza?

Julian acenou sombriamente.

— Hefesto é o meu padraço. Tenho coisas feitas por ele espalhadas por toda a casa... e experiência com outros dos seus objetos. Incluindo algemas. A fechadura disto é, sem dúvida, diferente.

Simone queria rosar de frustração. Se Julian não os podia ajudar, quem poderia?

— Sabes o que é que faz?

— Na verdade não, mas se entrares e saíres de onde os meus vizinhos te podem ver, posso perguntar.

Os olhos de Xypher escureceram, perigosamente.

— Nem tentes — disse Julian. — Já tive de enfrentar coisas bem piores do que um Skotos chateado.

Xypher dirigiu-lhe um olhar ameaçador.

— Em alguma altura terás de dormir.

— Também tu.

Simone emitiu um som enojado.

— Calma, rapazes, calma! Por favor, eu só me quero libertar antes de ser envenenada pelo excesso de testosterona.

Sem mais uma palavra, Julian conduziu-os para o interior da sua casa, na direção da sala de estar. Simone sorriu ao ver os brinquedos espalhados pelo chão da casa em tudo o mais imaculada. Por cima da lareira também havia fotografias de Julian com uma mulher de cabelo escuro e crianças: dois rapazes e duas raparigas. Pareciam muitíssimo felizes.

— Não sabia que tinhas filhos — disse ela, comovida com o que estava a ver.

Ele sorriu orgulhoso.

— Estão em casa de uma amiga, com a mãe. Estava a tentar preparar um programa de estudos para uma disciplina nova enquanto há silêncio e a bebé não está a tentar escrever por cima das minhas notas. A irmã mais velha ensinou-a a desenhar tulpas e tem estado a pô-las em tudo.

Como um bom exemplo, havia duas tulpas rosa-choque, mais ou menos à altura de um bebé, na parede atrás dele.

Simone conseguia imaginar como devia ser difícil pensar em material didático interessante e útil, ao mesmo tempo que se tentava afastar um bebé insistente. Pessoalmente, odiava criar programas novos e isso sem ter de lidar com um... por outro lado, ela tinha o Jesse. Consequia compreender o suplício de Julian.

— Desculpa virmos perturbar-te.

— Não te preocupes com isso — disse ele, em tom amigável. — Se esta for a pior interrupção que terei hoje, estarei espantosamente bem.

Depois, sem lhes dirigir outra palavra, Julian ergueu a cabeça e olhou para o teto.

— Ei, mãe, tens um minuto?

Simone olhou para as escadas, pensando que a mãe dele estaria dentro de casa.

Aparentemente não estava. Uma explosão de luz quase a cegou antes de uma mulher loura, incrivelmente bela, aparecer à frente de Julian. Magra e graciosa, envergando um fato de lã branco, a mãe dele parecia tão espantada com a presença de Simone como Simone com a dela.

Já para não falar no facto de a mãe de Julian não parecer nem um dia

mais velha do que ele. Ai caramba! À sua frente estava uma deusa de verdade! O que é que ia aparecer a seguir? Um dragão? Por outro lado, se fosse o Brad Pitt, ficaria impressionada.

— O que é que se passa? — perguntou Afrodite.

Julian inclinou a cabeça para trás dela, na direção do local onde Xypher se encontrava com o seu normal olhar ameaçador.

— Temos um problema.

Afrodite virou-se, depois franziu os lábios.

— Tu? O que é que estás a fazer aqui? Pensei que estavas morto.

— E estou. Obrigado. Também estás com bom aspeto para uma velhota.

Afrodite olhou para Xypher como se as suas palavras lhe tivessem deixado um gosto amargo na boca.

Xypher ignorou-a, erguendo a pulseira para que ela a visse.

— Estou aqui para tirar isto ou, se tal não for possível, pelo menos para descobrir o que é e o que faz.

Simone podia jurar que a deusa não podia parecer mais enojada e, no entanto, ela conseguiu-o na perfeição. Pelo menos até ter rido.

— Juro pelo rio Estige, Xypher, nunca vi ninguém deixar os deuses mais irritados do que tu. Quem é que irritaste para te darem isso?

Um músculo no rosto de Xypher estremeceu.

— Não brinques comigo, Afrodite. O que é isto?

— É um *deamarkonian*. Uma bela bugigangazinha inventada pelos deuses atlantes para matar o invencível. Nem sequer sabia que ainda restava um. Onde é que o encontraste?

— Encontrei-o preso ao meu pulso. O que é que isto faz, exatamente?

Afrodite encolheu os ombros no gesto mais gracioso que Simone alguma vez vira.

— Une as forças vitais de duas entidades. Tu e — virou-se para Simone — aqui a tua amiguinha. Se um de vocês morrer, o outro morre. Os Atlantes usam-no para matar uma pessoa mais forte. Une-se essa pessoa a alguém mais fraco e mata-se o fraco para matar o forte. Simples.

Xypher praguejou.

— Oh, mas fica ainda melhor — disse Afrodite, torcendo o nariz. — Têm de ficar perto um do outro. Se se afastarem demasiado, morrem os dois.

Simone ficou imóvel.

— O quê?

Ela acenou.

Xypher voltou a praguejar.

— Quão perto?

— Não faço ideia. Suponho que ficaremos a saber quando um de vocês ultrapassar o limite e ambos morrerem, hã?

Desta feita, a praga de Xypher foi tão vil que Simone corou.

— Não posso ficar preso a ti — rosnou-lhe ele.

Ela ficou de boca aberta perante aquelas palavras furiosas.

— Como se tu fosses o meu homem de sonho que ganhou vida. Acredita em mim, essa sensação horrível que tens no estômago é partilhada por mim.

Xypher fitou-a, de olhos semicerrados, mas ela recusou-se a recuar.

— Sabes como é que podemos tirar isto? — perguntou ele a Afrodite.

— Não sei.

Pela expressão dele, Simone percebeu que aquela não era a resposta que Xypher queria.

— Como assim, não sabes? — perguntou ele.

— És o quê? Cego? Não sou atlante. Essa pulseira foi concebida para nos derrotar e isso significa que os deuses atlantes que a fizeram não tinham grande vontade de partilhar connosco os seus pontos fracos. Se conheceres alguém ligado ao seu falecido panteão, sugiro-te que lhe perguntes. — Ela virou-se para Julian e as suas feições tornaram-se mais doces. — Vejo-te mais tarde, querido. — Desapareceu.

— Afrodite! — gritou Xypher para o teto. — Traz esse teu traseiro lingrinhas de volta para aqui!

Simone fungou.

— Nem imagino porque é que ela não responderia a isso. — Semicerrou os olhos e fitou Xypher. — Onde é que tiveste aulas de boas maneiras? Na prisão?

Xypher olhou para ela como se conseguisse imaginar as mãos a envolver-lhe a garganta. Não fazia mal, já que, naquele momento, ela partilhava da mesma fantasia sobre estrangulá-lo... de preferência com uma das pulseiras que agora os uniam.

Julian suspirou, ao mesmo tempo que pousava as mãos nas ancas.

— Espero que sejas amigo do Acheron. Ele é o único atlante que conheço.

Xypher não parecia muito entusiasmado com a ideia.

— Dá-me o número dele.

Simone arqueou uma sobrancelha para Xypher.

— Não o podes invocar do nada?

Julian riu.

— Boa sorte. Ele é a única pessoa que conheço que consegue ter pior humor do que a minha mãe ou Xypher. Não se invoca o Acheron. Pede-se com jeitinho.

— Estou tão farto de os deuses andarem a brincar com a minha vida —
rosnou Xypher, enquanto Julian lhe passava um pedaço de papel com um
número escrevinhado.

Um brilho diferente surgiu nos olhos de Julian.

— Conheço a sensação. Mas, por vezes, a salvação deles surge nos mo-
mentos mais improváveis. — O seu olhar deslizou para Simone. — E das
pessoas mais improváveis.

Xypher revirou os olhos.

— Não me tentes vender as tuas tretas. Estou em contagem decrescen-
te. Dentro de vinte e dois dias volto para o Inferno. O meu único objetivo é
garantir que, desta vez, não vou sozinho.

— Nesse caso, desejo-te boa sorte. — Julian acompanhou-os à porta.
— Se precisarem de mais alguma coisa, digam-me.

Simone agradeceu-lhe antes de sair para o alpendre. Entregou o tele-
móvel a Xypher enquanto se dirigiam para o carro. Na verdade, estava sur-
preendida por não se terem limitado a aparecer no seu interior.

Por outro lado, ele estava distraído. Não disse uma palavra. Limitou-se
a aceitar o telefone e a marcar o número com uma expressão irritada que
era, de alguma forma, convidativa.

— Claro que não atendes... — disse ele num tom gutural. Depois,
numa voz mais normal, continuou: — Acheron, é o Xypher. Quando ouvi-
res a mensagem, preciso que me liguês para este número. Tenho um pro-
blema e preciso que entres em contacto comigo o mais depressa possível.

Fechou o telefone e devolveu-lho.

Simone guardou-o no bolso de trás das calças.

— Achas que ele vai entrar em contacto connosco?

— Não te preocupes com isso.

Ela fê-lo parar a meio do caminho.

— Tens de ser tão grosseiro com cada pergunta?

— Tens de ser tão atrevida? Ficar preso a uma miúda deprimida ou a
uma dessas miúdas que se vestem de preto e escrevem má poesia teria sido
pedir demasiado?

Simone nunca se sentira tão ofendida em toda a sua vida.

— Qual é o teu problema?

Os olhos dele brilharam no escuro.

— Sente-te grata, humana, por nunca poderes compreender.

Compreender o quê? Que ele era um idiota? Isso não tinha desculpa!

— Sabes, não és o único com problemas, nesta equação. Eu, por acaso,
tenho vida própria e um emprego. A última coisa de que preciso é de ser
atirada de um lado para o outro por um gorila de cento e trinta quilos com
uma pedra no sapato tão grande que é de admirar que não coxeie.

— Eu não peso cento e trinta quilos.

Simone arqueou uma só sobrancelha perante aquela resposta.

— Não negas a parte do gorila?

— Não.

Aquela resposta roubou a Simone grande parte da sua fanfarronice. Era difícil ficar por cima quando ele parecia tão satisfeito por ser um monstro.

— Hum... Simone? — Havia uma nota de medo na voz de Jesse.

Ela virou-se para ele.

— Sim.

— O que é aquilo?

Simone olhou para ver para onde ele estava a apontar. Era alto e esguio, os seus olhos brilhavam vermelhos na escuridão.

E avançava diretamente para eles.



Capítulo
TRÊS

XYPHER empurrou-a na direção de Jesse.

— Fiquem os dois atrás de mim.

Simone não estava disposta a discutir, tendo em conta o tamanho da criatura que se dirigia a eles e o facto de a sua pele parecer estar a borbulhar e a fumegar.

Envergava uma capa preta, ondulante, que obscurecia tudo, com exceção daqueles assustadores olhos vermelhos. Lançou-se sobre Xypher tão depressa que ela quase não o conseguiu ver.

Os dois envolveram-se numa luta.

Xypher virou o demónio, que rolou e lançou na sua direção uma bola de fogo. Ele defletiu a bola de fogo, depois estendeu a mão como que para fazer o mesmo ao Demónio Fumarada.

Não funcionou.

O demónio riu.

— Pobre Xypher. Estás com problemas?

— Em dar-te uma tarefa, Kaiaphas? Nunca!

O manto desapareceu. Na escuridão, a pele borbulhante do demónio transformou-se em algo que se parecia com cabedal. O rosto dele transformou-se no de uma gárgula, ao mesmo tempo que o algodão das suas roupas adquiria a aparência de uma armadura preta que se ajustava aos contornos musculosos do seu corpo. Ainda assim os olhos continuavam a brilhar como as brasas incandescentes de um fogo.

Kaiaphas desembainhou uma espada curta e fê-la girar em redor do próprio corpo antes de mergulhar na direção de Xypher, que se esquivou da lâmina dando um passo para o lado. Um braçal de prata surgiu-lhe no braço que não tinha pulseira. Xypher usou-o para torcer a espada e arrancá-la da mão do demónio. Mas, antes que se conseguisse apoderar dela, Kaiaphas agarrou-a com a mão esquerda e voltou a atacar.

Girando, Xypher empurrou o demónio. Kaiaphas cambaleou, depois recuperou o equilíbrio.

Kaiaphas riu.

— Melhoraste.

— Sim, os rapazinhos acabam por crescer. — Xypher pontapeou-o, mas Kaiaphas apanhou-lhe a perna e puxou-a.

Xypher deu um mortal em pleno ar e aterrou de pé. Correu para o demónio e agarrou-o pela cintura. Caíram para trás, continuando a lutar.

Simone queria fugir mas lembrou-se de que, enquanto usasse a pulseira, não poderia ir longe sem os matar a ambos.

— Procura uma arma — sussurrou de forma audível a Jesse, ao mesmo tempo que olhava à sua volta em busca do ramo de uma árvore ou de algo que pudesse usar para ajudar Xypher a afugentar o demónio.

De súbito, Jesse praguejou. Simone virou-se na direção dos dois seres em combate para ver o que provocara a reação de Jesse.

Mais depressa do que ela conseguia pestanejar, Kaiaphas girou a espada na mão e apunhalou Xypher no estômago, num golpe tão profundo que a ponta lhe saiu pelas costas.

Xypher arquejou, enquanto o sangue se acumulava sobre o punho da espada e corria pela mão de Kaiaphas.

O demónio riu.

— Ao que parece, as tuas capacidades não melhoraram o suficiente, hã? — Deu uma cabeçada a Xypher. O movimento fez com que Xypher cambaleasse para trás. Ao fazê-lo, a espada foi puxada do seu corpo.

Ele caiu ao chão sobre um joelho, enquanto Kaiaphas erguia a espada para o golpe de misericórdia.

Simone cerrou os dentes, revendo na sua mente o momento em que a mãe e o irmão mais novo morriam. Uma raiva infundada consumiu-a de tal forma que já não conseguia pensar racionalmente.

Nesse momento o demónio tornou-se o foco de vinte anos de frustração desesperada com um sistema de justiça que a tinha dececionado e uma raiva tão amarga que conseguia sentir o seu gosto.

Com o único pensamento de salvar Xypher, Simone tirou o *mace* do bolso do casaco e correu na direção do demónio. Empurrando-o para trás com todas as suas forças, susteve a respiração e cobriu-o de *spray*.

Kaiaphas tossiu e cuspiu. Com os olhos a brilhar, avançou na sua direção.

Simone preparou-se para o ataque, determinada a lutar contra ele com as próprias mãos. Mas, antes que ele chegasse junto dela, algo o atirou para trás.

Um vislumbre de cabelos louros confirmou que se tratava de Julian com uma espada nas mãos. Colocou-se entre eles e forçou o demónio a afastar-se dela e de Jesse.

Enquanto ele lutava com o demónio, ela correu para Xypher, que jazia no chão, coberto de sangue. O seu rosto estava pálido e ele tremia visivelmente. O sangue jorrava sobre as suas mãos sem abrandar.

— Chiu — disse Simone, afastando a mão dele para que pudesse ver a ferida irregular. — Eu estou aqui, Xypher. Não te preocupes. — Ela olhou de relance por cima do ombro. — Jesse, abre o porta-bagagens e traz-me o estojo médico.

Jesse correu para o carro enquanto ela examinava a ferida no estômago de Xypher. Parecia terrível. E, mal lhe tocou, ele praguejou. As narinas dele abriram-se e ela teve a certeza que lhe ia bater.

Felizmente para ela, Xypher desmaiou antes que pudesse cumprir a ameaça silenciosa.

Simone olhou de relance e viu Julian envolvido num impressionante duelo de espadas. Eles moviam-se tão depressa que tudo o que ela via eram as centelhas que voavam de cada vez que as suas espadas se cruzavam. O som de metal contra metal era ensurdecador e abafava tudo, com exceção dos seus gemidos e insultos.

Depois, num movimento fluido, Julian desviou-se do demónio e empurrou-o para o lado, antes de o apunhalar nas costelas.

Cambaleando para trás, o demónio silvou, mostrando os dentes irregulares antes de se dissolver na escuridão. Tudo o que ficou para trás foi o fedor do enxofre e de algo que a fazia pensar em melaço.

Julian inclinou a cabeça como se tentasse sentir alguma coisa. Virou-se na direção dela, ao mesmo tempo que Jesse lhe entregava o saco. Simone concentrou-se em estancar o sangue de Xypher. Não era fácil, em especial tendo em conta que também se estava a começar a sentir tonta.

— Estás bem? — perguntou Jesse.

— Não tenho a certeza.

Julian ajoelhou-se ao lado dela.

— Precisamos de nos esconder dos olhares do público, se é que me percebes.

Percebia bem. Tinha sido uma sorte não ter passado nenhum carro durante o combate... ou pior, que o cão de nenhum vizinho estivesse a precisar de um passeio.

— Não podia estar mais de acordo.

Um instante depois, estavam outra vez dentro da casa de Julian, num quarto do andar de cima, decorado em tons de verde e creme e mobilado com agradáveis antiguidades vitorianas.

Ela e Julian encontravam-se ao lado da cama de casal, enquanto Xypher jazia sobre ela.

Jesse apareceu, um segundo depois, e torceu o nariz.

— Isso é uma ferida feia. Deve doer.

Julian fez uma careta ao ver o sangue que jorrava do flanco de Xypher.

Sem uma palavra, ela rasgou a t-shirt de Xypher. Inspirou e recordou-se de uma das vantagens do seu emprego. Os mortos não sangravam assim na mesa de exames. Já não cuidava de um doente vivo desde que fizera o internato, na faculdade.

Julian espreitou por cima do ombro dela.

— Como é que ele está?

— Aquela... coisa, o que quer que fosse, deixou-o em mau estado. A espada atravessou por completo o corpo dele.

Julian fez uma careta.

— Pois, as feridas assim doem bastante. Sofri algumas no meu tempo.

Simone decidiu ignorar o comentário sem dizer nada, enquanto tentava controlar a hemorragia o melhor que podia.

— Precisava de o levar para um hospital mas, tendo trabalhado quatro anos nas urgências, sei as perguntas que vão fazer e que não temos como responder.

— Espera, eu levo-te para um.

Simone abriu a boca para protestar.

Julian ergueu a mão para a silenciar, antes mesmo que pudesse começar.

— É um local seguro, chamado Santuário. A ala hospitalar foi criada precisamente para situações como esta. É um local onde aqueles que não são bem humanos podem procurar ajuda. Terás tudo aquilo de que precisas e não será feita qualquer pergunta sobre de onde veio qualquer um de vocês.

Isso fez com que ela se sentisse muito melhor.

— Ainda bem. Porque, a menos que ele comece a sarar sozinho bem depressa, vai precisar de uma intervenção cirúrgica... e rápido. Ou vai morrer.

A morte era uma possibilidade que ela gostaria de evitar.

Julian olhou para a cama ensopada em sangue e estremeceu.

— Devia ter-vos levado para lá antes de estragar o edredão. É o que me acontece por estar sempre a tentar passar por humano. Por vezes esqueço-me dos meus próprios poderes.

Quando deu por si, estavam no que parecia ser um consultório médico. Todo o interior era feito de aço, com exceção do chão de azulejo branco e as paredes brancas que estavam forradas de prateleiras de medicamentos

com portas de vidro. Havia também uma marquesa de aço, almofadada, ao lado de três bandejas cobertas de utensílios cirúrgicos e de exame. Como prometido, encontrou ali tudo o que precisava para cuidar de Xypher.

Julian mantinha-se ao lado dela, segurando Xypher nos seus braços. Não se tratava de um pequeno feito, tendo em conta que o homem era alguns centímetros mais alto do que ele.

— Estou tão desorientada — sussurrou Simone, quando uma onda de tonturas a atingiu. Estendeu o braço na direção do armário mais próximo para se equilibrar.

Ignorando-a, Julian gritou:

— Carson?

A porta do lado esquerdo abriu-se e revelou um índio americano, alto, que os fitava de olhos muito abertos. O cabelo preto, comprido, estava puxado para trás num rabo de cavalo apertado e as suas feições eram afiladas, fazendo-a pensar numa ave de rapina.

— Não grites. A minha audição é muitíssimo sensível.

— Desculpa — disse Julian rapidamente — mas temos um problema. Carson, apresento-te a Simone. Simone, apresento-te o Carson. Ele é cirurgião.

— Oh, graças a Deus — disse ela, grata por estar ali outro médico. — Eu só opero os mortos.

Carson não fez qualquer comentário. Em vez disso, virou o olhar para Xypher.

— E o tipo a sangrar é...?

— Um Predador de Sonhos.

Carson ficou de queixo caído perante a resposta de Julian.

— Eles sangram no plano humano?

— Parece que sim, e bastante.

Carson fez um pequeno aceno de cabeça antes de atravessar a sala na direção de uma porta atrás deles.

— Trá-lo para aqui e deita-o sobre a mesa.

Julian não hesitou em obedecer.

Simone seguiu Julian para a sala de operações vazia. Tal como a sala exterior, estava limpa e esterilizada, com mobiliário de aço e grandes luzes por cima da mesa de operações. Parecia-se com qualquer outra sala de cirurgias que já tivesse visto e ela ficou impressionada com a qualidade dos utensílios e monitores topo de gama. De facto, conhecia vários hospitais que estariam dispostos a matar para ficarem assim tão atualizados.

Enquanto Julian pousava Xypher sobre a mesa, ela dirigiu-se para uma sala pequena, à sua direita, onde existia um lavatório onde se poderia lavar.

Carson entrou logo depois.

— Pareces saber o que estás a fazer.

— Sou médica-legista e pensei que talvez precisasses de uma assistente para a cirurgia. — Ela secou as mãos numa das toalhas verdes que estavam empilhadas numa mesa ao lado do lavatório.

Carson inclinou a cabeça antes de começar, também, a lavar as mãos.

— Boa mulher. A minha assistente está de folga hoje.

Julian surgiu à porta. As suas roupas estavam cobertas de sangue.

— Se nenhum de vocês precisa de mim, vou regressar a casa para tentar reduzir os estragos feitos à cama... e rezar para que nenhum dos meus vizinhos tenha testemunhado a batalha que travámos na rua com o nosso simpático demónio.

Carson fungou.

— Por favor, parem de ser apanhados em vídeo e Deus nos salve das *webcams*. Juro que odeio esta era moderna.

Simone ignorou o comentário sarcástico, cruzando o seu olhar com o de Julian.

— Boa sorte e obrigada pela ajuda.

Julian sorriu-lhe, depois desapareceu enquanto Carson levava a mesa de instrumentos para a sala adjacente.

— Não precisamos de uma máscara e de batas cirúrgicas? — perguntou Simone.

Carson abanou a cabeça.

— Lavo as mãos por uma questão de hábito. O teu amigo deverá ser imune aos germes típicos que podem matar um ser humano. Aquilo que o infetaria são coisas contra as quais, de qualquer forma, não o poderíamos proteger.

— Oh! — Simone colocou-se no lado oposto da mesa e ajudou a remover a compressa temporária que tinha aplicado ao flanco de Xypher. Ficou algo surpreendida com o facto de Carson não tirar as calças de ganga de Xypher, mas aquele parecia satisfeito em deixá-lo meio vestido.

Tendo em conta que Simone nunca tinha operado ninguém, quanto mais alguém que não era humano, deixou-se ficar em segundo plano. Obviamente o homem sabia o que estava a fazer, caso contrário Julian não os teria levado até ali. Já para não dizer que ninguém teria pago todo aquele equipamento a menos que soubesse como usá-lo.

Certo?

Esperava que sim. Recuando, observou Carson enquanto este abria Xypher e começava a trabalhar na ferida. Encolheu-se perante os danos feitos. As suas artérias e tecidos eram um pesadelo.

Pobre homem... ou o que quer que ele fosse.

Um toque de culpa atravessou-a quando pensou na forma como ele

se tinha colocado entre o demônio e ela. Xypher tinha suportado o pior da luta, tal como fizera no beco, para que ela não fosse magoada.

Apesar de toda a sua rude jactância, ele tinha um coração e, pelo menos, um código de decência básico. Essa conclusão levou-a a encará-lo com maior simpatia. Na verdade, ele não era assim tão mau. E, enquanto o fitava, uma parte de si enterneceu-se com a preocupação que ele lhe mostrara.

Carson levou a mão a um grampo que se encontrava sobre a bandeja de aço inoxidável.

— Com que é que o cortaram?

— Com uma espada curta.

Carson abanou a cabeça.

— Parece-se mais com um ataque com serra elétrica. Olha para os danos feitos aqui. — Ele afastou a pele para que ela pudesse ver bem.

Simone levou a mão a outro grampo, já que Xypher estava a sangrar tanto.

Carson tinha razão. Era horrível.

— Não sei se isto ajuda ou se é importante, mas o homem que empunhava a espada era um demônio de algum tipo.

— Sabes de que panteão?

Aquela era, certamente, a conversa mais estranha que alguma vez tivera. Não havia muitas pessoas a quem pudesse dizer que um demônio tinha aparecido no meio da rua e a tinha atacado e que respondessem com uma pergunta tão simples. Por norma, teria sido interrompida por uma gargalhada.

E muito álcool.

— Hum, não. Mas o Xypher chamou-lhe Kaiaphas.

Carson praguejou.

Simone ergueu os olhos para a raiva inesperada que o nome suscitara.

— Conhece-lo?

— Parte grego, parte sumério, todo ele lixado. É de admirar que qualquer um de vocês tenha sobrevivido. Mas a verdadeira pergunta é: porque é que ele vos atacou? Não é o seu estilo normal.

— Como assim?

— Kaiaphas é um *doleodai*. Um demônio preso. Não pode agir sozinho, tem de ser comandado por alguém.

Aquela era uma informação interessante. Simone sentia vontade de rir perante o absurdo de tudo o que tinha acontecido desde a hora de almoço.

— Como raio é que me meti no meio disto? Tudo o que eu queria fazer era analisar uma simples cena de um crime e ir para casa. Não... retiro o que disse. Tudo o que eu queria era comer uma sandes de queijo e fiambre com um velho amigo. Agora fui arrastada para o meio de um conflito entre

deuses gregos e ainda nem é hora de jantar. Mal posso esperar por ver o que acontece a seguir.

Carson sorriu.

— Já tive desses dias.

— Tenho a certeza que sim.

— Não, a sério. Devias andar um bocado comigo e documentar todas as coisas esquisitas para que me arrastam.

— Como por exemplo?

Ele tirou-lhe o grampo da mão.

— Bem, houve a vez em que o *Marvin*, o nosso antigo macaco de estimação, fugiu do dono, o *Wren*, um tigre que pode assumir forma humana, e subiu para o piso de cima para dormir com o dragão. Acontece que o nosso dragão residente é alérgico a macacos, quem é que poderia saber ou mesmo imaginar uma coisa dessas? O *Max* ficou com uma erupção cutânea em sítios que ainda me fazem estremecer e, ainda hoje, quando alguém lhe fala de «macacos», ele cospe fogo. Depois houve aquela vez em que... oh, é melhor não contar isso. Se o Dev sabe, arranca-me o coração e come-o.

Simone recuou perante tudo o que ele lhe estava a contar. Não... não podia ser.

Podia?

— Há aqui licantropos?

Fazendo uma pausa, Carson ergueu os olhos para ela.

— Não és um Escudeiro?

— Não.

Ele sugou o ar por entre os dentes e contorceu o rosto numa expressão de irritação. Rosnando, Carson levou a mão às suturas.

— Não sabias de nada do que acabei de te dizer antes de me ter jorrado da boca, pois não?

— Não.

Voltou a praguejar.

— Nem acredito que acabei de fazer isto. Presumi que, como sabias de Xypher e do demónio, e como Julian te tinha transportado para aqui, tinhas conhecimento de tudo sobre o nosso mundo.

Não, mas estava a receber uma rápida apresentação, que se tornava mais assustadora a cada minuto que passava. Em todas as suas conversas com Tate, nem por uma vez o ouvira mencionar os licantropos.

— Parece que agora sei — disse ela, tentando fazer com que Carson se sentisse melhor com o deslize. — *Daily Inquisitor*, cá vou eu... melhor ainda, o hospício local.

— Sim, e eu acabei de quebrar umas novecentas regras. Que tal mantermos tudo isto entre nós?

— Acredita, querido, não vou falar. Gosto muito da pouca sanidade que ainda me resta e a última coisa que quero é estar no meio disto. Apon-tem-me a saída e a Alice pôr-se-á a andar do buraco do coelho, de volta à terra, e feliz por desenvolver Alzheimer em relação a todo este incidente. De facto, nem sequer tenho a certeza de estar aqui. Cá para mim, um *daemon* bateu-me na cabeça e tudo isto não passa de uma enorme alucinação gerada por uma grave perda de sangue.

— É costume falares assim pelos cotovelos?

— Sim. É uma forma de me manter presa à terra.

Ele riu, enquanto trabalhava em Xypher.

Simone fez uma pausa, apercebendo-se de algo.

— Não lhe demos nada para o manter inconsciente. Não o devíamos fazer?

— Nah. Não serviria de nada. Os Predadores de Sonhos são imunes a esse tipo de drogas.

— A sério?

Ele acenou, inclinando-se para ver melhor o que estava a fazer.

— São deuses. Os medicamentos humanos normais não têm qualquer efeito sobre eles.

— Então porque é que o estamos a operar?

— Porque ele está a sangrar e inconsciente... Nunca tinha visto um Predador de Sonhos a sangrar antes, muito menos assim. Mas calculo que, se sangra, pode esvair-se em sangue e morrer.

Por um lado, isso fazia sentido, mas por outro...

— Os deuses não podem morrer, certo?

— Claro que podem. Mas é preciso muito e, por norma, é necessária uma arma imortal de algum género, que vou arriscar e dizer que era o que Kaiaphas tinha nas mãos quando atacou. — Carson fitou Simone com um olhar sério. — Os demónios não costumam atacar um deus ou qualquer outra pessoa a menos que achem que o vão matar. Tende a irritar o alvo que, depois, procurará formas de torturar e matar o demónio. Então é o caos quando se lançam um contra o outro. Geralmente o demónio perde, em especial quando o alvo irritado é um deus, por isso os demónios tendem a ser um pouco mais circunspectos do que um normal predador. Quando atacam, é, por norma, de forma rápida e fatal.

Simone emitiu um suspiro cansado perante a simples verdade daquela afirmação. Olhou para Xypher, deitado num repouso enganadoramente pacífico. O seu corpo era trabalhado e letal. Um espécimen perfeito de beleza masculina.

Assim, a dormir, parecia um anjo mas, tendo em conta a sua perso-

nalidade truculenta, era fácil de imaginar uma longa lista de pessoas que o quisessem morto.

Incluindo ela.

Mas ao ponto de invocar um demónio para o destruir? Isso era cruel.

Pobre Xypher.

Ela não disse mais nada enquanto Carson limpava, cauterizava e cosia o ferimento de Xypher. Quando terminaram, ele ainda estava inconsciente mas suave consideravelmente. Levou a mão ao rosto firme, coberto de barba rala e, tal como desconfiara, febril.

Sentindo pena dele, dirigiu-se ao lavatório para lavar as mãos e, depois, molhou um pano com água fria. Com alguma sorte, aquilo ajudá-lo-ia. Levou o pano até ele e pousou-lho na testa, espantada, uma vez mais, com o seu belo aspeto. Ele era, realmente, um homem incrivelmente belo. Mas, tendo em consideração que se tratava de um deus, era provável que isso fosse de esperar.

Tudo o que sabia era que ele era um idiota... e que lhe tinha salvo a vida duas vezes.

Ergueu os olhos para Carson, que se estava a limpar, enquanto se recordava do termo que Xypher usara para se descrever a si mesmo.

— O que são exatamente os Skotos?

Carson secou as mãos numa pequena toalha antes de voltar para junto dela.

— Onde é que ouviste esse termo?

Ela estendeu a mão para Xypher.

— Ele disse-me que era isso que era.

Carson acenou.

— Na Grécia antiga existiam deuses do sono. Há vários séculos, um deles achou que seria divertido brincar nos sonhos de Zeus. O grandalhão não achou muita piada, por isso ordenou que todos aqueles que possuíssem uma gota sequer do seu sangue fossem mortos ou privados de todas as emoções.

Simone lembrou-se de Julian ter comentado que ficara surpreendido com o facto de Xypher ainda possuir as suas emoções.

— Isso foi cruel.

— Sim, bem, Zeus não é propriamente conhecido pelas suas emoções.

— Havia algo na sua voz que lhe dizia que ele tinha os seus próprios problemas com o deus.

Carson apontou para Xypher com um movimento da cabeça.

— Depois da praga de Zeus, os Oneroi, ou deuses dos sonhos, foram relegados para a monitorização do sono humano e depressa se descobriu que, enquanto estavam num estado onírico, o castigo de Zeus não funcio-

nava. Eles podiam voltar a sentir. Temendo serem castigados, os deuses dos sonhos começaram a policiar-se uns aos outros e a assegurar-se de que mantinham os seus irmãos restringidos. Ainda assim, alguns deles começaram a ansiar por emoções, ao ponto de terem perdido o controlo sobre o seu apetite. Depressa se tornaram perigosos para si e para os outros.

— Como um vício...

— Exatamente. — Carson pousou a toalha. — Os deuses dos sonhos que perderam o controlo e começaram a ansiar por emoções são chamados Skoti, ou Skotos no singular.

Pessoalmente, Simone preferia a ideia de que Skotos fosse uma unha encravada mas, pelo menos, agora compreendia o que ele era de facto.

— O Xypher também disse que estava morto.

— Bem, segundo reza a história, se um Skotos se tornasse demasiado viciado, executavam-no e enviavam-no para o Tártaro para castigo eterno.

Isso explicava tudo. Ele tinha sido morto e trazido de volta. Simone perguntou-se como seria isso possível. Teria feito um acordo ou algo assim?

Pensar nisso era, só por si, assustador.

Simone franziu o sobrolho ao reparar nas palavras escritas em letras estranhas ao longo do braço de Xypher. Curiosa, segurou o braço nas mãos, impressionada pelo toque firme da sua pele, enquanto estudava as letras fluidas.

— Consegues ler isto?

Carson colocou-se ao lado dela.

— Não, lamento. Parece grego e eu só sei francês, cajun, inglês, um pouco de crioulo e algaraviada.

Simone deslizou a mão pelas letras vermelhas-escuras, tentando não pensar em como o braço dele parecia forte sob os seus dedos. Porque é que ele as teria gravado ali e o que é que significavam?

Largando-lhe o braço, ergueu os olhos para Carson.

— Sabes alguma coisa sobre o próprio Xypher?

— Não. Nunca o vi nem ouvi falar dele até vocês o terem trazido para aqui. Existem vários milhares de Predadores de Sonhos e a maior parte deles foge do plano humano, preferindo esconder-se nos sonhos. — Carson fez uma pausa. — Queres deixá-lo aqui para poderes ir para casa?

Simone olhou para a sua pulseira.

— Quem me dera poder, mas não posso. Afrodite disse que enquanto ambos usarmos isto — ergueu a pulseira para que ele a visse —, estamos ligados um ao outro. Se nos afastarmos demasiado, morreremos.

— Isso é lixado.

— A quem o dizes.

Carson apontou para a porta atrás de si.

— Nesse caso, tenho um quarto melhor para vocês. Assim terás um sítio confortável para te sentares enquanto ele dorme.

Simone estremeceu perante a ideia de ser transportada de novo.

— Por favor, não me desintegres. Ainda estou enjoada de andar para trás e para a frente e começo a ter um novo respeito por Kirk e Spock.

Ele riu.

— Compreendo. — Destravou a marquesa com a biqueira da bota. — Eu empurro-o para lá.

— Mil bênçãos te sejam dadas.

Carson parou para chamar alguém, Dev, antes de a conduzir para o quarto adjacente, mobilado com antiguidades, a melhor das quais era uma cama comprida com uma coberta de veludo vermelho. Os cortinados pesados tornavam o quarto muito escuro e, no entanto, estranhamente acolhedor.

— É bonito — disse ela, deslizando a mão pelo tampo de um toucador.

— Para a Mamã.

— A Mamã?

— Nicolette Peltier. Ela é a dona disto e todos lhe chamam «Mamã».

Simone sorriu.

— Isso é tão querido. Deve ser muito carinhosa.

— Pode ser. Mas também pode ser feroz como um urso.

— Hum, sim.

Um homem elegante, de vinte e poucos anos e cabelo louro, comprido e encaracolado, abriu a porta.

— De que precisas, doutor?

Carson apontou para Xypher.

— Ajuda-me a movê-lo. Não quero abrir-lhe o ferimento.

Um franzir de sobrolho sério enrugou a testa de Dev quando viu Xypher na maca.

— Quem é?

— Um Predador de Sonhos.

Dev pareceu espantado.

— Eles sangram?

— Parece que sim.

— Bolas — sussurrou Dev antes de ajudar Carson a passar Xypher da maca para a cama. Uma vez Xypher instalado, Dev olhou de relance para ela, depois levou a marquesa para longe sem mais uma palavra.

Simone não sabia ao certo o que pensar dele.

— Ele é desconfiado, não é?

— A maior parte de nós é assim. A nossa sobrevivência depende do segredo.

— Que eu violei.

Carson acenou.

Simone queria que ele soubesse que jamais diria algo que os pudesse magoar. Além disso, quem é que ia acreditar se ela dissesse que havia uma família de licantropos que considerava Nova Orleães o seu lar?

— O vosso segredo está seguro comigo, Carson. Acredita em mim, manter coisas só para mim é uma ocupação de tempo inteiro. Se a polícia pode confiar em mim, vocês também.

— Eu sei. Caso contrário, limitar-nos-emos a matar-te e a devorar o teu corpo.

Simone não tinha a certeza se ele estava a brincar ou não, mas algo nele lhe dizia que estava a falar muito a sério.

Carson apontou para a porta atrás de si com o polegar.

— Se precisares de alguma coisa, estou logo ali, na minha secretária. Fica à vontade. — Apontou para uma porta à esquerda dela, com um movimento rápido do queixo. — A casa de banho fica ali.

— Obrigada.

Carson fechou a porta.

Simone libertou um longo suspiro quando a exaustão se abateu sobre ela. Estava só, numa casa estranha — algo a que não estava habituada.

— Onde é que tu andas, Jesse? Não gosto de estar sozinha. — A longa amizade de ambos fazia com que a solidão fosse uma coisa rara. Estava tão habituada a ele que, quando o fantasma se ausentava, ela o sentia como uma dor física.

Sentindo-se um pouco perdida e baralhada, aproximou-se da cama para tapar Xypher com um cobertor. Ele não parecia tão feroz, agora, mas ainda tinha uma aura que lhe dizia que ele era letal. Baixou os olhos para as mãos dele e para as cicatrizes que lhe marcavam os nós dos dedos. Eram antigas e tinham sarado, no entanto ela conseguia perceber que não tinham sido causadas apenas por um ferimento. Tinham sido abertas e cicatrizadas por muitas lutas...

Sim, havia alturas em que o seu trabalho lhe dizia demasiado sobre uma pessoa. Já para não falar no facto de muitas outras cicatrizes lhe marcarem o peito e os braços. Estranhamente, a única marca no rosto era uma ténue cicatriz na têmpora direita.

— Quem és tu, Xypher?

— Sim?

Simone sorriu ao ouvir o som da voz de Jesse. Este reapareceu mesmo ao seu lado.

— Por onde tens andado?

— Vocês deixaram-me para trás — disse ele, defensivamente. — Não sabes como é difícil localizar um humano através do plano ectoplásmico? Não, não sabes. E, confia em mim, não queres ficar a saber. Só estou contente por te ter conseguido encontrar, desta vez, e não àquela mulher estranha a dar gelatina ao *schnauzer*.

Ora, aquilo era uma imagem...

— Está bem. Lamento.

— É bom que lamentes! — Jesse semicerrou os olhos, fitando Xypher. — Ele não parece muito bem. Vai sobreviver?

— Acho que sim.

— Eu diria que é uma pena, não fosse pelo facto de, até encontrarmos uma forma de te libertar, isso implicar também a tua morte.

— Fico feliz por te lembrares desse pequeno facto. — Franziu o sobrolho e olhou para ele, recordando a sua explosão recente. — Plano ectoplásmico? Que diabo é isso?

— É jargão para aqueles de entre nós que são corporalmente deficientes. É o grande Além onde chocamos uns contra os outros como átomos saltitantes. É um bocado nojento, por isso é que eu ando contigo. Mas só porque és menos nojenta do que eles.

Simone ficou de boca aberta perante tal crítica.

— Desculpa! Eu não sou nojenta.

— Nojenta à brava, meu. Deem-me uma colher para cortar os pulsos. Já te vi de manhã. Não andas propriamente bem penteada.

Ela revirou os olhos perante as expressões antiquadas.

— Odeio-te mesmo.

— Claro que sim. — Ele dirigiu-lhe um sorriso de gato Cheshire. — Isso explica porque é que estavas tão preocupada comigo.

Por vezes ele era demasiado astuto. Simone bufou-lhe, brincalhona, antes de se virar de novo para Xypher.

Era uma pena que soubesse tão pouco sobre ele e isso fez com que se perguntasse em relação ao seu passado. O que o teria feito travar todas aquelas batalhas que o tinham deixado com tantas cicatrizes horríveis num corpo em tudo o resto belo?

— Achas que ele tem um motivo para ser tão hostil?

— Na verdade, não. Pessoalmente, acho que ele gosta de ser um idiota. Sabes, há muitas pessoas assim no mundo.

Era verdade. Ela já tinha conhecido mais do que a sua quota-parte delas e no entanto... parecia haver ali algo mais. Uma pessoa não odiava tanto quanto Xypher parecia odiar sem ter a capacidade de amar na mesma medida.

E a sua necessidade de matar a ponto de excluir tudo o resto apontava

para uma traição extrema. A única pessoa que ela alguma vez quisera realmente matar fora a pessoa que tirara a vida da sua mãe...

— Nunca pode haver ódio sem amor.

Jesse franziu o sobrolho.

— O quê?

— Era algo que a minha mãe costumava dizer.

Ele fez uma careta.

— Oh, meu, não... não te atrevas.

— Não me atrevo a quê?

— A ficar com esse olhar choroso como se estivesses a simpatizar com ele. — Emitiu um som irritado no fundo da garganta. — És mesmo um coração de manteiga. Olá? Este é o tipo a quem estás presa enquanto ele está a tentar visitar o Inferno para matar alguém. Ele não quer saber das tuas sensibilidades. Não te preocupes com as dele.

Simone acenou, ignorando aquela explosão.

— Oh, chiu, seu resmungão. Nem sequer o conheço.

— E é melhor que assim continue.

Ela sabia que Jesse tinha razão. Ainda assim, havia uma parte dela que se sentia atraída por Xypher, mesmo contra o seu bom senso. Nem sequer sabia ao certo porquê. Mas ele parecia perdido, de alguma forma.

Oh, sim, o Sr. Mauzão perdera o temperamento... Certo. Ela *estava* a perder o juízo.

— Tiveste notícias da Gloria? — perguntou a Jesse, tentando distrair-se.

Ele abanou a cabeça.

— Nem um gemido. Tenho cá para mim que os *daemones* a comeram.

Simone odiou tal ideia. Ninguém merecia um tal destino.

— Espero que não. Ela parecia mesmo simpática.

— Também acho. — Jesse flutuou para junto das cortinas.

De súbito, alguém bateu à porta.

— Entre — disse Simone.

Carson entrou no quarto levando consigo uma pequena serra.

Simone recuou um passo, curiosa em relação às suas intenções.

— O que é que estás a fazer?

Ele apontou para a pulseira com a ponta da serra.

— Estava a pensar se isto ajudaria a tirar a pulseira.

Simone sorriu de alívio. Por um momento temera que ele fosse cumprir a promessa de a silenciar.

— Neste momento, és a minha pessoa preferida em todo o planeta. Sim, por favor, tenta.

Carson riu ao avançar para lhe agarrar o pulso. Parou por um minuto para examinar a pulseira.

— Parece ouro normal.
— Afrodite disse que era atlante. Algo feito pelos deuses.
Carson inspirou bruscamente.
— Oh... — Afastou-se.
— Isso é mau?
— Talvez. Não sei o suficiente sobre elas sequer para tentar adivinhar o que te poderá acontecer se a tentar cortar. Tanto quanto sei, pode ser o fim do mundo.
Ela afastou o braço do alcance dele.
— Por favor, não. O episódio do *Dexter* da semana passada ficou num momento de suspense e eu tenho de saber como acaba.
As palavras dela pareceram surpreendê-lo.
— Vês o *Dexter*?
— Religiosamente. Na condição de médica-legista, sinto um fascínio mórbido pela série.
— Tendo em conta o meu trabalho e a minha vida, essa é uma série que eu evito tanto quanto o Nat Geo Wild. — Afastou-se dela. — Vou deixar-vos aos dois sozinhos outra vez.
Carson mal tinha saído quando ela ouviu o som de uma voz rouca atrás dela.
— Onde é que eu estou?
— Uau — disse Jesse da cama. — O morto levantou-se... outra vez.
Ignorando Jesse, Simone foi para junto de Xypher. Os seus olhos azuis estavam orlados de vermelho e raiados de sangue. A pele ainda tinha uma tonalidade acinzentada e, tendo em conta a respiração entrecortada, percebeu que estava com muitas dores.
— Estás no Santuário.
Ele inspirou fundo, depois fez uma careta.
— Cheira-me a Predador do Homem.
— Predador do Homem?
Xypher moveu-se ligeiramente sob a cobertura antes de voltar a falar.
— Licantropo.
— Oh! — Na verdade aquilo fazia sentido. Os Predadores da Noite caçavam os vampiros *daemones*. Os Predadores de Sonhos caçavam sonhos e... bem, isso fez com que se perguntasse o que caçariam os Predadores do Homem.
Pois. Ela forçou os seus pensamentos a afastarem-se de tais questões.
— Acho que é provável que um Predador do Homem tenha ajudado a transportar-te para aqui.
Xypher tentou sentar-se, depois silvou.
— Cuidado — disse ela, correndo na sua direção. Pousou as mãos no

peito dele, depois afastou-as quando um choque elétrico a atravessou. Não sabia porquê mas tocar-lhe era muitíssimo desconcertante e deixava-a sem fôlego. — Recebeste um golpe feio que te atravessou o corpo e o Carson disse que não te podíamos dar nada para as dores.

Um tique começou a fazer-lhe tremer o maxilar quando ele se voltou a deitar na cama e tirou o pano da testa. Fitou-o como se se tratasse de uma forma alienígena que lhe queria sugar o cérebro.

— Estavas febril — explicou ela.

Xypher franziu ainda mais o sobrolho.

— Foste tu quem fez isto?

Simone não conseguia perceber a sua ira. Era como se a sua gentileza o deixasse realmente irritado.

— Pensei que estava a ser simpática para contigo. Desculpa.

— Porque haverias de fazer algo simpático por mim?

— Porque estavas ferido e a sangrar.

Ainda assim o olhar frio e penetrante dele não cedeu.

— O que é que isso te importa?

— Eu fui para a faculdade de medicina para ajudar as pessoas. É por isso que faço o que faço.

— Porquê?

Nunca na sua vida se tinha cruzado com alguém que tivesse tantos problemas em aceitar ajuda. Deus do Céu, o que é que tinham feito ao pobre homem para que algo tão simples quanto pôr um pano na sua testa febril o deixasse desconfiado?

— Pressinto que tens um problema com o facto de ser simpática contigo.

— Sim — respondeu ele. — Tenho. As pessoas não são simpáticas. Muito menos comigo.

Simone sentiu um aperto dentro de si perante aquelas palavras rosnadas.

— Xypher...

— Não quero a tua piedade. — Atirou o pano para o chão. — Nem a tua gentileza. Limita-te a sair do meu caminho e não te deixes matar enquanto eu não arranjar forma de entrar em Kalosis.

Uau. Aquilo deixava-a tão quentinha por dentro! Ele parecia um porco-espinho agitado numa fábrica de balões.

— Porque é que é tão importante para ti matar essa pessoa?

Do nada, uma imagem abriu caminho a ferro e fogo pela mente de Simone. Era Xypher. Ele estava numa gruta, escura e triste, dolorosamente pendurado pelos braços. O seu cabelo negro estava coberto de sangue e sujidade, e caía para a frente escondendo-lhe o rosto. Completamente nu, o seu corpo estava coberto de feridas que sangravam.

A agonia nos seus olhos era cortante. Ele tentou fugir ou lutar mas não havia nada que pudesse fazer. Golpe após golpe, um chicote de pontas de arame farpado abatia-se sobre a sua pele, rasgando novas feridas e fazendo-o girar. Os dois esqueletos que o espancavam não queriam saber onde acertavam desde que provocassem dor.

Quanto mais ele sangrava, mais eles riam.

— Para! — gritou ela, incapaz de o suportar.

As imagens desapareceram tão depressa quanto tinham aparecido.

Xypher dirigiu-lhe um olhar tão gelado que chegou ao fundo do seu ser e congelou parte da sua alma.

— Isso foi apenas um vislumbre de dez segundos dos séculos de tortura que tive de suportar devido à crueldade de uma pessoa. Mais alguma pergunta?

Simone não conseguia respirar, tal a dor que sentia dentro de si. Tudo o que conseguiu fazer foi abanar a cabeça. Não era de admirar que ele estivesse zangado. Era difícil respirar com o nó que lhe apertava a garganta.

— Sim — disse, depois de uma breve pausa. — Só uma. Se já deste tanto a essa pessoa que te traiu, porque lhe haverias de dar também a tua vida?

Ele riu amargamente.

— Deixa que te explique como é que aqui cheguei, humana. Fiz um favor a uma deusa que convenceu Hades a tornar-me humano durante um mês. Um. Só. Mês. Ora, tendo vivido todos estes séculos no Tártaro, aprendi que Hades não deixa ninguém sair de boa vontade, em especial alguém com o meu passado. Vou regressar ao Inferno, querida. Sem «ses, «e» ou «mas». O único fator por determinar é se vou sozinho, e não tenho a menor intenção de que assim seja. — Os olhos dele fixaram-se nela um instante, antes de se levantar da cama. — Onde está a minha t-shirt?

Simone nem acreditava que ele estava em pé, tendo em conta a gravidade do seu ferimento. Como é que ele se conseguia mexer, em especial tendo em consideração que não tomara um único analgésico?

Por outro lado, tendo visto o que lhe tinham feito no Tártaro, ela calculou que já estivesse tão habituado à dor que esta já não o perturbasse. Por muito mal que o tivessem tratado, ele continuava a tentar lutar contra eles.

— Não podes andar de um lado para o outro. Precisas de descansar.

— Que se foda o descanso — rosnou ele por entre os dentes cerrados. — Tenho demasiado que fazer para ficar deitado na cama como um príncipe mimado.

Ela colocou-se à frente dele para o impedir de sair. — Vais voltar a abrir o ferimento.

— E depois?

— E depois? És louco? — Só podia. — Fazes ideia do quanto isso vai doer?

Xypher dirigiu-lhe um olhar frio e cáustico antes de se virar e lhe mostrar as costas.

— Sim, tenho uma ideia bastante boa.

Simone tapou a boca, fitando o horror de cicatrizes que lhe marcavam a beleza natural da pele. Dizer que tinha sido atacado era pouco. Ela estendeu instintivamente a mão para lhe tocar, mas refreou-se antes de fazer contacto.

A sua mão ficou a pairar, logo por cima das marcas. Tão perto que conseguia sentir o calor que se erguia da sua pele febril. Pensar que ele fora espancado daquela forma dilacerava-a por dentro. Que tipo de monstro podia fazer tal coisa?

O facto de ter sofrido sozinho, sem ninguém que cuidasse dele, deixava-a ainda mais doente.

Ele virou-se para olhar para ela.

— Agora, onde está a minha t-shirt?

Simone teve de limpar a garganta antes de lhe responder num tom semi-humano.

— Cortámo-la.

Ele afastou o olhar como se a resposta lançasse uma onda de fúria através dele.

— Muito obrigado.

Porque é que ele estava tão chateado com uma simples t-shirt?

— Podemos passar por tua casa e ir buscar outra.

— Não tenho casa e não tenho outra t-shirt.

Estaria a falar a sério?

— Como?

Xypher avançou para se colocar à sua frente. Baixou os olhos para ela e dirigiu-lhe um sorriso afetado.

— O que é que ainda não percebeste, humana? Eu fui libertado do Inferno, não de um parque de diversões. Eles não nos mandam propriamente para o mundo com um guarda-roupa e uma carteira.

— Mas já cá estás há alguns dias, certo? Onde é que tens ficado? Como é que tens comido?

Xypher não respondeu, limitando-se a passar por ela.

Foi então que ela soube o que ele se recusava a dizer.

— Tens dormido na rua, não tens?

— Quem disse que tenho dormido de todo? — Xypher abriu a porta.

Carson ergueu os olhos da secretária de madeira de cerejeira escura à qual estava sentado, como se estivesse à espera que Xypher apare-

cesse. Levou a mão à t-shirt dobrada sobre a sua secretária e atirou-a a Xypher.

— Podes ficar com esta.

Xypher agarrou na t-shirt sem um obrigado sequer. Estava a passá-la pela cabeça quando Simone se juntou a ele na sala.

O telemóvel dela tocou.

Simone tirou-o do bolso e olhou para a identificação da chamada. Esta surgia como número não identificado. Abriu-o.

— Estou?

A voz que lhe respondeu era profunda, incrivelmente sensual, e a pronúncia cantada lançou-lhe um arrepio pela espinha.

— Sou o Acheron Parthenopaeus a responder à chamada do Xypher. Podias passar-lhe o telefone, por favor?

Sim, mas a verdade é que não queria. Gostaria muito mais de continuar a falar com aquela voz educada que era fantasmagoricamente calmante e pacífica. Com alguma relutância, estendeu o telefone a Xypher.

— É o Acheron.

À sua boa maneira, Xypher arrancou-lhe o telefone das mãos.

— Onde raio é que tu estás?

Jesse inclinou-se para a frente para lhe sussurrar ao ouvido.

— Isso dar-me-ia mesmo vontade de o ajudar. A ti não?

— Chiu... — disse ela, refreando um sorriso perante aquelas palavras sinceras.

Xypher fechou o telefone com força e devolveu-o a Simone. Houve uma nova explosão de luz brilhante imediatamente antes de um homem enorme se ter manifestado à frente deles. Com dois metros, era esguio, com longos cabelos pretos e uma aura tão letal que fazia com que Xypher parecesse um gatinho.

Usava uns óculos *Oakley* pretos e um casaco comprido, estilo pirata, por cima de uma t-shirt dos Misfits. Dito isto, o Johnny Depp não ganhava em nada a este homem no que dizia respeito a *sex-appeal*. Acheron libertava-o por todos os poros.

Erguia-se, apoiado numa perna, e tinha uma mochila de cabedal, preta, casualmente atirada por cima de um ombro. Simone franziu o sobrolho ao reparar nas botas *Dr. Martens* pretas, com sombras vermelhas que, provavelmente, lhe acrescentavam uns cinco centímetros à altura já de si impressionante.

— “Tava a ver que não — rosnou Xypher.

A única reação de Acheron foi arquear uma sobrancelha preta, perfeita, que se tornou visível por cima dos óculos de sol.

— Ainda que respeite as tendências suicidas na maior parte dos dias,

seria bom que te lembrasses com quem estás a falar e, mais concretamente, o que te posso fazer. Ninguém disse que tinhas de voltar para o Tártaro inteiro.

Xypher cruzou os braços sobre o peito.

De melhor humor, Acheron virou-se para ela.

— Posso ver a tua pulseira?

Educado. Mortífero. Lindo. Respeitoso. Mais sensual do que seria possível a um humano aguentar. Oh, alguém metesse um laçarote naquele homem porque ela queria mesmo levá-lo para casa. Engolindo em seco, ao mesmo tempo que um arrepio lhe percorria a espinha, Simone fez o que ele lhe pedia.

Acheron tomou o braço dela nas suas mãos e ergueu-o por forma a estudar o mecanismo que o fechava. Passado um momento, libertou-lhe o braço e voltou a olhar para Xypher.

— O que é que queres primeiro: as boas ou as más notícias?

— Será que isso importa?

Um canto da boca de Acheron ergueu-se, num sorriso provocador.

— Para mim não... As más notícias são que não posso tocar nisto. Quer dizer, posso, mas ambos morrerão se eu lhe mexer.

Xypher praguejou.

— Quem foi o diabo que inventou isto?

Acheron agarrou com as duas mãos a alça da mochila para a prender por cima do casaco.

— Archon, o rei dos deuses atlantes. Acredita em mim, era um absoluto idiota.

Simone libertou a respiração que não se apercebera de ter estado a sustentar. Aquilo não parecia particularmente bom para eles.

— Então quais são as boas notícias?

— Alguém tem a chave e não, não vão definhar e morrer por as terem postas. Em teoria podem viver toda a eternidade assim unidos.

— Mas? — perguntou ela.

Acheron inclinou a cabeça para ela.

— Há sempre um «mas», não é?

Infelizmente.

— E que «mas» será esse?

— Quem quer que tenha a chave não irá abdicar dela de livre vontade, já que se encontra nas mãos de quem quer que tenha invocado a pulseira e tenho a certeza que não vo-la enviaram para vos fazer uma partida. Mas esperem, há mais... as pulseiras têm um mecanismo de deteção incorporado.

Oh, ela não estava a gostar nada daquilo.

— Estás a brincar comigo — disse Xypher num tom de voz tão grave e mortífero que a fez estremecer.

— Nem por sombras. Como a ideia das pulseiras é localizar um inimigo e destruí-lo, elas estão equipadas com tudo aquilo de que o inimigo precisa para te matar. O mestre da chave não só será capaz de te encontrar, onde quer que vás, como qualquer fraqueza que qualquer um de vocês tenha ficará exposta perante o olhar dele... ou dela. — Acheron olhou de relance para Simone. — Os Atlantes jogavam para ganhar.

— Razão pela qual estão todos mortos, certo? — perguntou Xypher.

Acheron encolheu os ombros.

— É a cadeia alimentar. Mesmo os que estão no topo podem ser a refeição de outra pessoa. Mais cedo ou mais tarde, todos somos comidos por alguém.

Xypher virou a atenção para ela.

— Ouve, a humana não fez nada para ser arrastada para esta confusão. Não há nada que possas fazer para a tirar daqui?

Simone ficou espantada com o facto de ele perguntar.

Acheron dirigiu-lhe um aceno desejoso.

— Quem me dera. Acredita em mim, nada me irrita mais do que ver um inocente a sofrer. A única forma de a libertar é obter a chave e abrir a pulseira.

Xypher voltou a praguejar.

— Sabes que o mais provável é que esteja em Kalosis, certo? Há alguma hipótese de ma ires buscar?

Acheron riu.

— Garanto-te que, se eu lá fosse para fazer isso, terias muito mais problemas nas mãos do que matar Satara.

— Não podes, sequer, fazer com que ela se revele?

Acheron fungou.

— Como se ela não se apercebesse logo?! A ti ela teme. A mim, odeia ativamente.

Xypher cruzou o seu olhar com o de Simone e susteve-o. Pela primeira vez, ela viu algo dentro dele que parecia humano. Uma pequena centelha no meio de toda aquela rudeza que parecia envolvê-lo como um manto.

— Mas há algo que posso fazer por ti.

Acheron estendeu a mão e tocou no ombro de Xypher.

Xypher arquejou, ao mesmo tempo que o seu corpo se iluminava. Atirou a cabeça para trás e gritou como se estivesse a ser atravessado por um relâmpago.

Simone encolheu-se ao vê-lo tremer.

Passado um minuto, ele ergueu a t-shirt mostrando que o seu ferimento tinha desaparecido. Não restava sequer uma cicatriz a marcar os seus impecáveis abdominais.

— Obrigado.

Acheron inclinou a cabeça, depois olhou para lá de Simone, para Jesse.

— Tu és a melhor defesa deles. Sempre que um demónio se aproxima, ocorre uma pequena ondulação no plano mortal. Senti-la-ás como um arrepio na espinha. Podes dar-lhes alguns segundos de aviso antes que sejam atacados.

Jesse pareceu tão espantado quanto ela.

— Como é que sabes que estou aqui?

Acheron sorriu.

— Eu sei muitas coisas.

Jesse abriu um grande sorriso.

— Meu, gosto destas pessoas. Elas veem-me e ouvem-me. Não fazem ideia de como isso é refrescante.

Aproximando-se de Simone, Acheron retirou uma pulseira de cabedal do pulso e prendeu-a no braço esquerdo dela.

— Isto dar-te-á a força de um demónio, caso sejam atacados por um. O que não fará é tornar-te melhor lutadora, nem te impedirá de morrer. No entanto, se bateres na cabeça de um demónio com alguma coisa, garanto-te que ele não se ficará a rir das tuas tentativas.

Acheron inclinou-se para lhe sussurrar ao ouvido.

— Há algo dentro de ti, Simone, algo que te assusta. Escondeste-o toda a vida, mas sabes que está aí. À espreita e ansiando por ser libertado. Sei que foges dele. Não fujas. Será a única coisa capaz de te salvar a vida. Procura dentro de ti e abraça quem és realmente. Quando estiveres pronta, não precisarás da ajuda da minha pulseira.

E, dito aquilo, desapareceu.

Ainda sentia um formigueiro no braço, no local onde ele a tocara. Simone olhou para Jesse.

— Que raio foi aquilo?

Jesse ergueu as mãos, com as palmas viradas para cima, e encolheu os ombros.

O olhar dela deslizou para lá dele, para Xypher e, por um instante, captou um vislumbre da sua vulnerabilidade. Ali, nos seus olhos, viu arrependimento, tristeza e uma dor tão profunda que a obrigou a sustentar a respiração.

Carson pigarreou.

— Não quero ser mal-educado, malta, mas acho que é melhor saírem.

A ideia por detrás do Santuário é a de que seja um abrigo. A última coisa de que precisamos é que apareça aqui um demónio que não esteja vinculado pelas nossas leis.

Aquela tirada fez desaparecer todas as emoções dos olhos de Xypher com exceção de uma sombria determinação.

— Não te preocupes, não mancharei o teu palácio imaculado com a minha presença.

Quando deu por si, já estavam na rua, em Ursulines Street. Felizmente ninguém pareceu reparar que eles tinha aparecido do nada.

Jesse juntou-se-lhes.

— Como eu gostava que parassem de fazer isso.

— *Tu* gostavas? — perguntou ela. — Tenta pôr-te no meu lugar. Está a deixar-me doente.

Xypher semicerrou os olhos e lançou-lhe um olhar ameaçador.

— A vida deixa-me doente, mas repara, aqui estou eu. Ninguém quis saber o que é que eu pensava sobre o assunto quando me trouxeram para ela.

Simone odiava que estivessem de volta àquilo.

— Xypher, tréguas, por favor. Eu compreendo. És uma pessoa amarga. Sabes, não és o único que se sente vergastado pela vara da vida. Acredita em mim. Fiquei órfã aos onze anos e passei três anos num lar para crianças antes de ter sido adotada. Todos somos sobreviventes de um universo insensível. O único apoio que temos são as outras pessoas.

Xypher troçou dela amargamente.

— Pelos deuses, como és ingénua. O único apoio que temos somos nós mesmos e a quantidade de dor que somos capazes de tolerar antes que esta nos vergue.

Simone sentia pena dele, se aquilo era o melhor que ele conseguia. Mas depois lembrou-se de um tempo em que pensava tal e qual como ele. Jesse fora a única razão por que se mantivera inteira. Não estava certa de que tivesse conseguido sair daquele buraco negro em que vivera depois da morte dos pais se não fosse por ele.

Era óbvio que Xypher nunca tivera outra pessoa na qual se apoiar. Nem mesmo um fantasma.

Com a garganta apertada pela dor da simpatia, começou a descer Chartres Street. O apartamento dela ficava em Orleães, não muito perto, mas também não muito longe a pé. A caminhada seria mais rápida do que tentar arranjar um táxi.

Além disso, naquela altura nem se conseguia lembrar onde é que tinha deixado o carro. Está bem, isso não era verdade, tinha-o deixado em casa de Julian. No entanto, só precisava de alguns minutos em sua casa, onde tudo

lhe era familiar. Precisava de algo que a trouxesse de novo à terra antes de ser atacada por mais uma onda de loucura.

Quando se aproximaram do Hotel Provincial, apercebeu-se da forma como Xypher abrandara quando o cheiro de algo bom chegou até eles. O olhar dele deslizou, carregado de desejo, na direção do Restaurante Stella. Não disse uma palavra mas também não precisava. A expressão dele dizia tudo.

— Quando é que foi a última vez que comeste?

Ele não respondeu.

Simone obrigou-o a parar.

— Xypher? Comida. Quando é que foi a última vez que a ingeriste?

— De que te importa?

Foi então que ela compreendeu o que significavam aquelas palavras quando ele as dizia. Nunca na sua vida alguém se tinha importado. Porque se haveria de importar ela, uma estranha?

— Vou arranjar algo para comer. — Ergueu a pulseira para que ele a visse. — Sugiro que me sigas. — Ela dirigiu-se para o pequeno estabelecimento mediterrânico do outro lado da rua, que seria muito mais rápido do que um restaurante fino.

Xypher queria praguejar enquanto a seguia. No entanto, a verdade é que estava esfomeado. Fora outro dos prazeres sádicos de Hades, que Xypher pudesse fazer aparecer armas sem mais do que um pensamento — mas não roupas, comida ou dinheiro. Além disso, também não se podia curar a si mesmo.

Já sentia câibras de fome no estômago antes de Hades o ter atirado para ali. Durante a última semana, tinha comido coisas em que nem sequer queria pensar, num esforço de impedir, pelo menos, que o seu estômago ardesse tanto.

Ainda assim, não era o tipo de criatura que aceitasse caridade. Nunca ninguém lhe dera nada. Já estava habituado.

Maldito fosse, se era agora que ia começar a pedir.

Simone parou junto à porta até que uma mulher de camisa branca e calças pretas se aproximou.

— Quantas pessoas?

— Duas.

Xypher olhou para Jesse, que lhe sorriu.

— Nunca contam comigo. Mas estou sempre presente.

A mulher agarrou em dois menus e conduziu-os a uma pequena mesa num canto. Xypher não deixou de reparar que Simone, muito discretamente, puxara uma cadeira para Jesse, fazendo parecer que a estava a usar para pousar o casaco.

Ignorando Jesse, Xypher considerou a hipótese de pôr Simone ao ombro e a levar dali. Sinceramente, não suportava a ideia de cheirar toda aquela comida e não ingerir nenhuma.

Por outro lado, já estava habituado à tortura.

Sentou-se, a sua raiva mal controlada. A mulher entregou-lhe o menu e saiu. Xypher pousou-o e pôs-se a olhar pela janela.

Era tão estranho regressar ao mundo depois de todo aquele tempo. Tanta coisa tinha mudado. Da última vez que ali estivera, os cavalos eram o melhor meio de transporte. Não havia eletricidade. A humanidade tinha medo do escuro. Medo dos sonhos que Xypher e os seus parentes lhe davam.

Agora temiam-se, sobretudo uns aos outros e faziam bem.

Simone franziu o sobrolho, quando Xypher se recostou sem olhar sequer de relance para a ementa.

— Não tens fome?

O olhar que ele lhe lançou gelou-a até aos ossos.

— Não tenho dinheiro.

— Bem, não achas que eu ia comer e deixar-te a passar fome, pois não?

— O mais triste é que provavelmente achava.

Simone pegou no menu e estendeu-lho.

— Escolhe qualquer coisa ou eu escolho por ti.

— Sabes o que aconteceu à última pessoa que falou comigo nesse tom?

— Deixa-me adivinhar... Esventramento. Provavelmente doloroso.

Sem dúvida lento. — Agitou as sobrancelhas, olhando para ele. — A minha sorte é que não me podes matar enquanto eu ainda estiver a usar esta pulseira. — Dirigiu-lhe um sorriso arrogante. — Vou comer o cocktail de camarão e a massa negra com molho Alfredo e frango. E tu?

Pela primeira vez viu nele um olhar humilde, quando puxou o menu para si como uma criança amuada.

— A gentileza deixa-te desconfortável, não é?

Xypher não respondeu, enquanto o seu olhar percorria a ementa.

Simone suspirou de cansaço, antes de trocar um olhar frustrado com Jesse. Não conseguia acreditar que lhe era mais fácil falar com fantasmas do que com... aquela coisa de carne e osso que estava sentada à sua frente.

O que é que lhe tinham feito para o tornar tão fechado às pessoas?

Xypher não sabia ao certo o que pedir. Tudo parecia bom e o seu estômago ardia. Já para não dizer que se sentia muitíssimo estranho, ali sentado... como um ser humano civilizado.

Nunca ninguém o tratara assim. Nunca.

Ele era um Skotos Phobotory. Passara toda a sua vida a fazer os que o

rodeavam tremer de medo, dando-lhes pesadelos. Até aos deuses. Ele era a encarnação do mal. Até os outros Skoti Phobotory o temiam.

E aquela mulher atrevera-se a dar-lhe ordens... Na verdade, ela era bastante bela e mais tentadora do que qualquer mulher devia ser quando ele tinha um objetivo tão importante. Até então, não pensara há quanto tempo não tinha uma mulher. Mas os seus carinhosos olhos cor de avelã deixavam-no em brasa.

— Estás com dificuldades em escolher?

Ele pestanejou perante a pergunta.

— Como é que fazes isso?

— Faço o quê?

— Falar comigo como se eu fosse normal.

Ela franziu o sobrolho.

— Bem, tu não tornas as coisas propriamente fáceis. Mas lembro-me de um tempo em que também estava zangada com o mundo. Tudo o que eu queria era atacar e fazer com que todos à minha volta se sentissem tão infelizes e furiosos como eu estava. Essa... necessidade ardia como um fogo dentro de mim e arrasava tudo o resto. Depois, um dia, compreendi que a única pessoa que estava a magoar era a mim mesma. Eu podia irritar as outras pessoas mas, passado algumas horas, elas esqueciam-me. Eu era a única a viver num inferno perpétuo. Por isso decidi libertar-me da raiva e seguir caminho.

Como ela fazia com que aquilo parecesse fácil. Mas não era assim tão fácil largar tudo.

— Sim, mas tu tinhas um futuro.

Ela abanou a cabeça.

— Na altura não era isso que eu sentia. Lembra-te de que vi o meu irmão ser assassinado quando eu só tinha sete anos. — Cerrou os dentes quando uma dor familiar a cortou. — Ele também achava que tinha um futuro e, num abrir e fechar de olhos, desapareceu. Tal como a minha mãe e o meu pai...

A dor dela tocava-lhe; era algo que compreendia. Mas o que o surpreendeu foi aquele pequeno aperto dentro dele, uma parte que, de facto... não, aquilo não era preocupação. Ele não era capaz disso. Era...

Não conseguia identificá-lo.

— O que aconteceu? — perguntou-lhe.

Simone ergueu a mão.

— Eu sei que fui eu quem puxou o assunto, mas não posso mesmo falar disto agora, está bem? Só porque aconteceu há muito, não significa que já não doa. Há dores que o tempo não entorpece.

— Então compreendes-me.

Simone estacou perante aquela afirmação tão simples, ao compreender que era assim, de facto. Por muitos anos que passassem, a agonia da sua morte ainda era crua e fresca.

— Sim. Acho que compreendo. E se a tua dor é, nem que seja, um fragmento da minha, lamento muito.

Xypher afastou o olhar quando aquelas palavras tocaram uma parte dele que já não era tocada há séculos. Nem sequer sabia porquê. Era como se a dor os ligasse.

— Gostas de marisco?

Como é que ela fazia aquilo? Era uma pergunta tão simples e, no entanto, tocava-o profundamente. Fazia-o sentir... não conseguia descrevê-lo.

— Não me lembro. Há séculos que não consigo provar comida a sério.

Ela pousou o seu próprio menu na mesa.

— O que é que tens comido desde que aqui chegaste?

— O que conseguisse encontrar.

O coração de Simone ficou apertado perante aquelas palavras.

— Bem, vamos pedir a travessa de carnes e a de ostras. Entre as duas, deves conseguir encontrar algo saboroso.

Xypher não sabia o que dizer. Por norma ele era violento, queria atacar e magoar todos os que o rodeavam, mas estar ali sentado...

Sentia-se calmo e a calma era algo que já não sentia há tanto tempo que se tinha esquecido de como era.

Afastando o olhar, foi atormentado por memórias antigas. Mesmo antes de as suas emoções lhe terem sido roubadas, sempre fora uma pessoa zangada e amarga. Atacando todos à sua volta. Fora criado entre demónios sumérios, não entre humanos ou os deuses do Olimpo.

O povo da sua mãe era duro e implacável. E, no início, recebera de braços abertos a maldição de Zeus que fazia com que não sentisse nada.

Até Satara. Ela mostrara-lhe outras coisas. O riso. A paixão.

Durante algum tempo, até se iludira a acreditar que a amava.

Em retrospectiva, era o bastante para o fazer rir. O que é que o filho de um demónio e de um deus dos pesadelos sabia sobre o amor? Os seus próprios pais tinham sido incapazes dele. O amor não estava na sua matriz genética.

Mas a vingança...

Isso era algo a que conseguia deitar o dente.

Uma empregada aproximou-se, fitando-o como se conseguisse sentir os seus pensamentos maléficos. Virou rapidamente a atenção para Simone, que pediu por ele.

Xypher escutou o sotaque melódico que fazia com que a voz de Simone parecesse mais suave e mais gentil do que qualquer outra que já tivesse ou-

vido. O cabelo escuro dela pendia em cachos, em redor do rosto, enquanto os olhos cor de avelã refletiam a sua inteligência, curiosidade e um gosto pela vida inato.

Não era tão magra como a empregada que os deixava. Era, antes, robusta. Saudável. E, pela primeira vez em vários séculos, sentiu que o corpo se agitava de desejo.

Um brilho malandro cintilou no olhar de Simone antes de ela beber um gole de água.

— Estás muito calado, o que me está a deixar nervosa.

— Não percebo.

Ela olhou para Jesse antes de responder.

— Há um ditado que diz que os tigres se agacham, não por medo mas para melhorar a pontaria. Faz-me pensar em ti.

— Devia.

Ela suspirou, agarrando o copo com ambas as mãos.

— Gostas mesmo de assustar as pessoas, não gostas?

— Fui criado para isso.

Jesse riu.

— Posso inscrever-me para algumas aulas? Sinto-me mesmo chateado por não ter podido voltar como um *poltergeist*. — Ergueu as mãos para Simone. — Uuuh, vou apanhar-te.

Simone riu.

Jesse emitiu um som de desagrado.

— Vês, riso. Gostava, só por uma vez, de provocar medo a sério.

Xypher lançou um olhar ao fantasma que lhe recordou que podia agarrá-lo e magoá-lo. Jesse encolheu-se de imediato.

Simone apoiou a cabeça na mão e observou-o.

— Não precisas de fazer isso, sabes?

— Fazer o quê?

— Fazer caretas e rosnar a toda a gente à tua volta. Inspira fundo e relaxa.

— Relaxar? — Xypher estava incrédulo perante aquelas palavras. — Sabes que vêm atrás de nós? Se baixares a guarda, se relaxares, morres. Acredita em mim. Tenho experiência em primeira mão com isso.

— Sim, já disseste que foste morto. O que aconteceu?

Xypher caiu em silêncio quando a pergunta inocente o arrastou de volta para o tolo que fora um dia.

— Fui traído pela única pessoa em que cometi o erro de confiar.

— Lamento.

— Não lamentos. Preferi morrer a viver a eternidade com uma mentira.

...

— ENTÃO? — perguntou Satara quando Kaiaphas se materializou à sua frente.

— Em breve estará morto.

Ela guinchou, antes de começar a andar para trás e para a frente no pequeno espaço onde Stryker tinha o seu gabinete.

— Isso não é o suficiente.

— Então sugiro que o mates tu.

— Não te atrevas a falar comigo nesse tom. — Ela agarrou na garrafa que se encontrava sobre a secretária de Stryker, que continha a alma de Kaiaphas no seu interior. Bateu com ela contra o lado da secretária, não com força suficiente para a partir, mas com a suficiente para que tal soasse possível. — Com um só movimento do meu pulso, posso pôr um fim à tua existência.

Satara viu o medo a tremeluzir nos olhos dele mas, para seu crédito, Kaiaphas não mostrou qualquer outro sinal de preocupação pela ameaça.

— O Xypher foi protegido por um filho de Afrodite que empunhava a espada de Cronos. Era impossível derrotá-lo e acabar com Xypher.

Satara emitiu um suspiro enojado. Depender de outra pessoa fora o que a colocara naquela confusão. A sua única salvação era o *deamarkonian* que Stryker lhe dera. Com ele, Xypher poderia ser localizado com pouco esforço.

Isso se o demónio inútil à sua frente fosse capaz de o fazer.

— Quero que me tragas a cabeça dele, Kaiaphas. E, se não for a dele, tomarei a tua.

Ele fez uma vénia.

— Seja feita a tua vontade, minha senhora. A cabeça do meu irmão será tua.